Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ZARAH LEANDER, vedeta da UFA, tem uma interpretação notável em «O VENENO DOS TRÓPICOS», que a Lisboa-Filme estreia hoje no CINEARTE

2.ª SÉRIE — N.º 30 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 2 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1$50

JEAN ARTHUR

numa comédia hilariante da

RKO-RADIO

O DIABO E A MENINA

com

Robert Cummings

e

Charles Coburn

Um filme recheado de situações imprevistas e duma comicidade irresistível e desconcertante

Esta produção RKO-RADIO estreia-se esta noite no

TIVOLI





2.ª série / N.º 30 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

2 de Junho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITOTIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

UM FEIXE DE NOTÍCIAS DO CINEMA PORTUGUÊS

GRAÇA MARIA

É O NOVO NOME ADOPTADO POR MARIA DA GRAÇA II

Prometemos dar neste número aos nossos leitores a solução do intrincado caso das duas Marias da Graça — a da Rádio e a do Cinema.

A solução só poderia ser uma: qualquer delas mudar de nome. E assim se fez, com o acôrdo de ambas as partes, graças à arbitragem do nosso director, que tomou o caso a si, por nele estar muito directamente interessado. E êsse interêsse vem do facto de ambas deverem figurar no mesmo programa cinematográfico da sua produção que vai apresentar ainda êste ano, logo no começo da próxima época.

Maria da Graça II, a do Cinema vai interpretar, ao lado de Vasco Santana, de Ribeirinho e da estreante Leonor Maia (cujas fotografias, publicadas no último número do «Animatógrafo», fizeram furor), um dos primeiros papéis da cine-comédia «O Pai Tirano». Maria da Graça I, a da Rádio, também aparecerá no mesmo programa, num filme curto curto escrito expressamente para ela e para o grupo que habitualmente a acompanha, sob a direcção de Nuno Gonçalves: «Os excêntricos do Ritmo». E como, a-pesar-de ambas serem «raínhas» nos seus respectivos géneros, não seria de bom gôsto continuar a usar, como para os toureiros e futebolistas, os numerais ordinais em algarismos romanos I e II — D. Maria I e D. Maria II... — foi decidido que a Maria da Graça da Rádio continuaria a usar, por direito de prioridade, o nome de Maria da Graça, e que a Maria da Graça do Cinema adoptaria doravante o nome de GRAÇA MARIA.

Maria da Graça e Graça Maria conhecem-se uma à outra. São amigas e admiram-se mùtuamente. Foi assim muito fácil resolver a «pendência», com honra para ambas as partes.

Disso se orgulha «Animatógrafo», sempre pronto a fazer justiça e a pôr as coisas no seu lugar.

Maria da Graça I (a da Rádio) vai aparecer num complemento

Notícias do «PAI TIRANO» e de outros filmes em andamento

Mais duas fitas na forja!

Mais dois filmes portugueses

A notícia de que dez filmes portugueses estavam em andamento causou natural sensação. E serviu para demonstrar que nem mesmo aqueles que estão dentro da «coisa» têm consciência do momento excepcional que o nosso Cinema atravessa. Muitos, *mesmo aqueles que sabiam de côr os nomes de todos êsses filmes*, ficaram admirados de êles serem dez ,e quási começaram por não acreditar...

Mas a lista que publicámos era autêntica e o número, portanto, irrefutável.

E a lista vinha INCOMPLETA!

Há mais duas fitas portuguesas na forja, já com material filmado: um filme sôbre o linho, que Adolfo Coelho dirige, tendo Manuel Assis Vieira como operador, e um outro documentário de Luiz Nunes, verdadeira síntese de Portugal, para o qual o grande operador Eugene Schüfftan fez algumas imagens admiráveis.

Só quisemos falar dos filmes com viabilidade certa. Por isso não noticiámos projectos, embora alguns tenham sérias probabilidades de ir àvante.

Também não nos referimos à interessantíssima iniciativa do nosso colaborador dr. Félix Ribeiro, da secção de Cinema do S. P. N.: reünir, numa pequena antologia retrospectiva, cenas dos mais significativos filmes portugueses. «Panorâmica do Cinema Português» — que assim se intitula o filme — mostrará muita coisa que se ignora, das quais a principal é verificar-se que já houve tempo em que o nosso Cinema esteve *à altura da sua época*.

Os interiores de «Ala, Arriba!»

No estúdio da Quinta das Conchas constroem-se os cenários para as filmagens interiores do filme de Leitão de Barros e de Alfredo Cortez, «Ala, Arriba!». O interior duma igreja e algumas casas típicas de pescadores poveiros. As filmagens começam ainda esta semana; e para tomar parte nelas vieram expressamente da Póvoa do Varzim muitos dos personagens que filmaram nos exteriores, entre êles os dois protagonistas: Domingos Gonçalves Elsa Bela-Flôr, poveiros autênticos.

Os interiores devem estar concluídos até o dia 15 de Junho, data em que começa a construção dos cenários de «O Pai Tirano».

Actores para «O Pai Tirano»

Além de Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia e Graça Maria, podemos noticiar que, na comédia que António Lopes Ribeiro prepara, e que vai produzir e encenar, entram os seguintes artistas:

Tereza Gomes, a característica inconfundível, que contracenou com Vasco na «Canção de Lisboa» e não voltou a aparecer nos nossos filmes desde então.

Armando Machado, que se estreou no Cinema em «Gado Bravo», de A. L. R., e que voltou a aparecer noutros filmes — «Maria Papoila», «A Aldeia da Roupa Branca» — sempre com êxito, e que interpreta em «Lôbos da Serra», ao que sabemos, um importante papel cómico, ao lado de Manuel Santos Carvalho e de António Silva.

Emília de Oliveira, que já interpretou cinema, com belos resultados, na «Revolução de Maio», em «Feitiço do Império», em Maria Papoila».

Henrique de Albuquerque, Seixas Pereira, Reginaldo Duarte, Eliezer Kamenesky, Laura Alves — a revelação do Teatro do Povo e de «Lisboa 1900» — Idalina de Oliveira, Carlos Alves, Artur Rodrigues, além de outros que oportunamente se anunciarão, também já aceitaram figurar na distribuïção do «Pai Tirano», que terá assim, um elenco notável, e em que cada intérprete se ajusta perfeitamente ao carácter do papel, que pode dizer-se escrito de propósito para cada um.

O mau tempo contra os «Lôbos»

A equipa de filmagens de «Lôbos da Serra», o filme que Jorge Brum do Canto dirige para a Tobis Portuguesa, luta em Arcos de Val-de-Vez contra esta primavera inconcebível, quási sem um dia de sol. O tempo é um grande inimigo do Cinema, em todos os sentidos. As percas de tempo e o mau tempo traduzem-se sempre em pesados prejuízos materiais. Isso explica a necessidade de fugir, em certas circunstâncias, a grande percentagem de cenas de exterior numa produção, ainda que isso pese aos amigos do ar livre e aos amadores, que têm uma paixão desabalada pelas árvores e pelas nuvens.

Felizmente, parece que o sol se dignou aparecer nestes últimos dias e que César de Sá tem podido obter imagens de grande beleza.

Como as filmagens de interior já terminaram, é natural que «Lôbos da Serra» ainda seja apresentado êste verão.

À Margem das Fitas

POR RAUL FARIA DA FONSECA

Hollywood surpreendeu-nos com a notícia de que Charles Chaplin vai fazer outro filme com um tema da actualidade.

«Desempenharei nele o papel dum refugiado europeu — disse Charlot — que, durante a maior parte do tempo usará trajo de etiqueta. A história passa-se quási tôda em Nova Iorque e Paulette Goddard fará a primeira figura feminina. O assunto gira à volta da vida dum casal que procura viver com intensidade.»

O jornalista que o entrevistou pediu-lhe uma opinião sôbre o casamento. Charlot respondeu:

«Não falo nisso por se tratar dum assunto íntimo, que só a mim e a minha mulher interessa. Além disso, sou muito tímido.».

Em Havana exibe-se actualmente a fita «Alumbrando el Camino», com o sub-título de «Sífilis» — «A película que revela com exemplos vivos e palpitantes os perigos das enfermidades secretas», com «nus, lugares onde se facilita o pecado, tentações que rodeiam homens e mulheres, e sobretudo a franqueza cruel e descarnada da ciência, mostrando-nos o perigo e a forma de o evitar».

Ao que parece, a fita tem um todo científico que não se ajusta à publicidade feita à volta dela. A censura consentiu na apresentação ao público com a condição de ser interdita a entrada de menores e homens e mulheres a verem em separado. Os três cinemas «Alcazar», «Florencia» e «Favorito» exibem-na para homens, e o «Neptuno» destina-se ao público feminino.

Foi promulgado um novo decreto nos Estados Unidos que obriga o actor a «ter pelo menos um pé no chão nas cenas de amor». À primeira vista, a decisão parece disparatada; mas, se reflectirmos sôbre ela durante alguns segundos, compreendemos não só a ideia do legislador, mas ainda o alcance de semelhante exigência.

A notícia telegráfica, chegada até nós, não dá quaisquer outros esclarecimentos. Todavia seria interessante saber se o pé poisado no chão deve estar, obrigatòriamente em campo. Se assim fôr, não mais poderemos ver beijos em «grande plano».

Elementos estatísticos fornecidos pelos estúdios da Cinelândia revelam que só uma companhia expediu, numa semana, 22.300 fotografias, destinadas a jornais, a revistas e a outras publicações. A 10$00 cada (preço corrente em Hollywood) a despesa dos estúdios foi de 223 contos. Com o dinheiro das fotografias expedidas em 3 semanas já se podia fazer uma fita das boas.

...E ÊLES

por A. de Carvalho Nunes

CLARK GABLE, depois de terminar o seu trabalho em «O Uniforme», ao lado da simpática Rosalind Russell, que não vemos desde a sua interpretação em «Mulheres», vai desempenhar o papel principal de «Honky Tonk» (não confundir com Hong Kong), na agradável companhia de Lana Turner.

★

JAMES STEWART. O uniforme do tímido-desembaraçado é a sério. E como quem vai ao mar perde o lugar, na opinião sapientíssima do povo, enquanto o Stewart «faz a recruta» Robert Taylor foi chamado para o substituir no elenco do novo filme «Smiling Thru». Com vantagem?

...Será melhor o leitor dar-se ao incómod de responder à pregunta.

★

WILLIAM DIETERLE vai passar à história com o cognome de Impávido. Tem sôbre os seus ombros (maneiras de dizer) a perturbadora Simone, no encargo de a dirigir em «A Certain Mr. Scratch».

Qual Simone? — preguntará o leitor intrigado.

Pois quê, não sabe que a Simone Simon entrou de novo em Hollywood? (Devia ter sido ao som da marcha da «Aida»).

★

JOHN WAYNE. Ou nasceu um novo galã. Aconselhamos as leitoras a decorar depressa o seu nome, pois que será o herói de amanhã.

Por ora limita-se a deixar-se fotografar, à hora das refeições, ao lado das mais célebres beldades de Hollywood (e come!) e a trabalhar no filme «Mercy Island», quási concluído (o filme).

★

HENRY FONDA trava violento duelo com Cesar Romero para alcançar o desejado lugar de protagonista da próxima produção da Fox.

Compreender-se-á melhor a violência da pugna depois de se saber que o vencedor contracenará com Carmen Miranda (a estrêla que vai a caminho da estrastosfera).

★

MAX FLEISCHER está a dar os últimos retoques no seu novo filme de grande metragem «Mr. Bug goes to Town», onde se faz a história duma graciosa família de insectos capaz das maiores diabruras.

★

WALTER WANGER. É o nome do marido de Joan Bennett. Aqui fica à contemplação dos míseros mortais.

JAMES CAGNEY é a réplica masculina da Bette Davis no tocante à ausência das nossas telas e ao valor que se lhes dá em Hollywood.

Apresenta-se (bem, naturalmente) num filme intitulado «Que loira!», ao lado de Olivia de Havilland e Rita Hayworth.

★

Depois de combater demoradamente pela sua dama (a loira, que loira), cai nas malhas (desculpem a imagem piscatória) duma morena.

ERROL FLYN continua com os seus créditos assegurados no Cinema americano. Depois de actuar em «Passos na Sombra», com Brenda Marshall, está a trabalhar num novo filme de aviação, «Dive Bomber».

★

ADRIAN veste — com a tesoira — a divina Garbo em «Ana e Anita», filme em que ela tem ocasião de cantar uma canção expressamente escrita por Isa Gershwin!

Depois de chorar e rir, ei-la que canta. Estamos certos que a sua voz de contralto «cobrirá» a de Tino Rossi.

★

CARY GRANT acompanha Joan Fontaine (ou vice-versa) no novo filme «Before the Fact», que é como quem diz «Antes do Facto».

Ficamos a pensar que facto será êsse que merece as honras de maiúscula.

★

GEORGE CUKOR vai dirigir Greta Garbo num filme em que a premiada do «Animatógrafo» desempenhará dois papéis.

Um filme de Cukor com Greta Garbo? Temos outro prémio em prespectiva.

ROBERT MONTGOMERY, que teve um papel assás ingrato no «Conde de Chicago» intervem em «Unfinished Business» com a Irene Dunne.

A propósito, o «Conde de Chicago» não passou da primeira semana, enquanto que a «Balalaika» fez nove semanas daquelas de sete dias.

É caso para dizer ao público do Eden: nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

★

RENÉ CLAIR realizou o seu primeiro filme na América. Intitula-se «The flame of New Orleans» e os seus principais intérpretes são a Marlène Dietrich (cuja ressurreição nos dá muito «prazer cinéfilo») e Roland Young.

Aguardamos com curiosidade a aclimatação de René Clair aos estúdios americanos.

★

FORTUNIO BANANOVA trabalha no filme «Sangue e Arena» como ajudante técnico de Rouben Mamoulian e prepara o argumento «Vida e Milagres» para uma produção que continuará a conhecida obra de Blasco Ibañez.

Além disso, actua como actor no «Cidadão Kane», o último grande êxito de Hollywood.

A querer tocar tantos instrumentos ao mesmo tempo, o homem arrisca-se a ser conhecido pelo Infortúnio Manova.

★

TYRONE POWER terá um papel dificílimo no aludido «Sangue e Arena»: nada mais nada menos que desempenhar o papel de toureiro, criado pelo Rodolfo Valentino.

Mesmo com um peão de brega da qualidade do Mamoulian a lide oferece sérias dificuldades.

★

FRANK CAPRA está outra vez na ordem do dia, em Hollywood, por causa do seu novo filme-panfleto «Meet John Doe».

A esta obra nos referiremos mais de espaço.

TÍTULOS ILUSTRADOS



«Anda tudo doido»

PANORÂMICA

À última hora

Longe de nós a idéia de combater a instituïção necessária da censura cinematográfica. Sabemos a fôrça de penetração que o cinema tem junto do público, e isso basta para que julguemos indispensável seleccionar atenta e escrupulosamente os filmes que se apresentam. Isso é tanto assim que a censura cinematográfica existe desde há muito, mesmo naqueles países que se dizem muitíssimo liberais e que não têm, ou não tinham antes da guerra, qualquer outra espécie de censura, à imprensa, ao teatro ou à rádio.

Mas deve haver decerto maneira de evitar certas resoluções de última hora que muito prejudicam os legítimos interêsses dos comerciantes de filmes e que em nada contribuem para o prestígio da própria instituïção.

Material de caracterização

A Alfândega portuguesa, no intuito de bem cumprir o decreto que proíbe a importação de artigos de luxo, muito justamente considerados supérfluos nestes duros tempos, em que a sobriedade moral e material devem ser a norma de todos os homens e de todos os povos bem formados, não consente que se encomendem do estrangeiro qualquer espécie de produtos de beleza.

O que não está certo é que sejam considerados *produtos de beleza* os materiais de caracterização indispensáveis ao cinema e ao teatro, que se não fabricam em Portugal e que nem sequer, pelas suas côres estranhas, podem ser usados correntemente pelas senhoras. Aliás, bastaria tornar a sua importação exclusiva dos que utilizam industrialmente êsses produtos — produtores cinematográficos, emprêsas teatrais — e nas quantidades que se reconhecessem suficientes.

Chamamos para o facto a atenção de quem pode resolvê-lo com uma penada, e que por certo não quererá opôr uma nova dificuldade, quási insuplantável, ao progresso do Cinema Português.

«Animatógrafo» no estrangeiro

Bernardo Teixeira, que foi para a América do Norte como correspondente do «Animatógrafo» e que vai enviar ao nosso jornal crónicas cinematográficas de Nova Iorque e de Hollywood, já partiu para os Estados Unidos.

Mas a actividade do Cinema Europeu, que consegue resistir à própria guerra, não nos interessa menos, muito pelo contrário.

Assim, vai partir dentro de poucos dias para a Alemanha, com o encargo de nos enviar daí artigos e notícias frescas sôbre a cinematografia germânica, o nosso amigo Leopoldo Fernandes.

Como já noticiámos, a grande jornalista Suzanne Chantal, encontra-se no sul da França, onde está fazendo uma reportagem sôbre a actividade cinematográfica francesa nos estúdios da Côte d'Azur e um inquérito sôbre as possibilidades futuras do Cinema Francês.

Animatógrafo procura assim corresponder à justa curiosidade dos seus tantos leitores, procurando cumprir o melhor que pode os nossos deveres para com êles.

Lazlo Schäffer

Pede-nos o nosso amigo Luiz Nunes uma rectificação justíssima. Não foi Planner, mas sim Lazlo Schäffer o operador que fez, no Pavilhão Português da World's Fair as tomadas de vistas para o documentário «Portugal na Exposição de Nova York».

(Continua na pág. 18)

«Sempre por bom caminho e segue!»

O Cinema Português devia adoptar a divisa de Eduardo Grandela, o fundador dos grandes armazens que têm o seu nome, e que é alguma coisa mais que uma divisa: é todo um programa de honestidade e de acção.

Não há dúvida — e seria infantil pretender ocultá-lo — que os «negócios» cinematográficos têm má fama, principalmente os negócios de produção. Mas isso não é mal português, graças a Deus: é antes mal estrangeiro, mal internacional, pois justo é dizer-se que, salvo raras excepções, os negócios de produção portuguesa têm sido promovidos e dirigidos por gente séria, e levados a cabo com perfeita honorabilidade comercial.

Convém, no entanto, esclarecer que «gente séria» não significa, no parágrafo acima «gente competente» e que a competência é indispensável à seriedade total de qualquer empreendimento tão complexo como o de produzir um filme.

A má fama da produção cinematográfica internacional tem por origem a sua própria complexidade. Na Alemanha pre-hitleriana, na França de antes da guerra actual, as «combinações» cinematográficas tinham um carácter particularmente suspeito. Paul Morand, no seu livro «France la Doulce», zurziu com crudelíssimo azorrague a fauna indesejável dos «produtores» que bebericavam pelos bars dos Campos Elíseos, sorvendo alcool e sorvendo glórias, parasitando o talento com descaro, levando o descôco a intitularem-se salvadores «du Kinéma Frrançais». Em Espanha, vimos agora Garcia Viñolas erguer-se com um poderoso manifesto contra o «made in Spain», mais perigoso e deletério ainda que o «made in U. S. A.», pois nem sequer tinha a desculpa da ingenuïdade comercialona dos «moviemakers» de Além-Atlântico que iam buscar ao México os modelos dos pátios de Sevilha que construiam em Hollywood. Em Inglaterra, uma onda de refugiados, sob a aparência de formidáveis alquimistas da técnica, comprometeram sèriamente o cinema inglesíssimo que os Asquith, os Wilcox, os Hitchcock procuravam criar, como convém, pelo seu próprio esfôrço.

Na própria América, digam o que disserem os fàcilmente embasbacáveis, não são os filmes-mayonnaise, os filmes-cocktail, os filmes-caldeirada, com realizador tcheco, vedeta alemã, produtor húngaro e operador chinês que mais tìpicamente caracterizam e nobilitam o cinema americano. A sua insuperável perfeição técnica não basta para ocultar o fundo enviuzado e tôrvo, a má qualidade ideológica, cordas de viola que deixam ver através pão bolorento.

E até a Portugal, a esta luminosa Lisboa, aportaram recentemente meia dúzia de cidadãos, que pretendiam beber do fino, e dar conselhos graves, e montar negociatas complicadas, diante das quais se abriam horizontes de oiro falso, tão fantasiosos como baços.

Mas Portugal resistiu, por fôrça da sua, desta vez, abençoada rotina.

Deu-se assim o milagre de não ver o nosso triste cinemazito, fonte pobre mas limpa, inquinado com a podridão das ratazanas internacionais, pescadores de águas turvas para quem a «árvore das sardinhas» de que falámos no último número tomara provisòriamente a aparência sedutora da árvore das patacas.

Bem basta o que nos coube, injustamente, por mero efeito de reflexão, do descrédito geral do Cinema-Negócio, «all over the World». Bem basta a desconfiança imerecida com que o capital português encara o trabalho cinematográfico feito por compatriotas.

E o mais curioso é que êsse mesmo capital se seduziria mais fàcilmente com um nome arrevezado e pomposo, cheirando a celuloide caro e a alcôva de vampe. Há que defendê-lo dêsse perigo, opondo honradas histórias de saloios a mirabolantes aventuras de «gangsters», sem fazer caso dos que imaginam que o mal do Cinema Português está em não se parecer nada com o «Cinema Estrangeiro», noção tão arrevezada e indecisa como a noção de «Hemisfério Ocidental» agora lançada aos quatro ventos da insânia.

Acreditem: o Cinema de cada um só pode fazer-se à custa e pelo esfôrço de cada um. Não façam caso dos viajados, dos fumistas, dos que trazem nos sobretudos de pêlo de camelo o pó das sete partidas — e, nas algibeiras, apenas o cotão de muita traquïbérnia. Procure cada um ensinar o que sabe e aprender o que não sabe. Procurem todos servir o Cinema, de preferência a «servir-se» do Cinema. Só assim servirão o seu país — e poderão servir para alguma coisa.

Sigam o nosso conselho: adoptem a divisa do Grandela. «Sempre por bom caminho» — eis a única forma de seguir, de não tropeçarmos em pedregulhos, nem nos transviarmos por atalhos.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

O cinema americano e a literatura

por *ALVES DE AZEVEDO*

A literatura exerceu e exerce decisiva influência no cinema — seria falta de espírito crítico negá-lo —, como o cinema faz pressão —perdoem-me a linguagem diplomático-militar — sôbre a literatura.

Semelhante facto que pode ser demonstrado pela crítica à obra de muitos realizadores de talento como de muitos escritores igualmente de subtil inteligência — aliás o único factor comum necessário para que essa mútua atracção se verifique — parece resultar da simples afinidade dêstes dois modos de expressão aparentemente tão diferentes.

Mas em nenhuma literatura, como em nenhum cinema se verifica maior interpenetração, mais nítida solidariedade que na literatura e no cinema americano.

Sem falarmos em Edgar Poe, Fenimore Cooper e outros da mesma geração, verdadeiros antepassados do cinema na literatura observamos noutros autores mais modernos *a gesta*, melhor, a aceitação dos temas cinematográficos nas obras que escrevem, e, verificamos no cinema freqüentemente o deliberado propósito de não fugir da literatura — sem que com esta palavra se queira significar devaneio sentimental cerebral ou cerebrino.

A literatura americana dos últimos dez anos demonstra claramente a verdade dos nossos pontos de vista. O melhor da produção literária americana vive, com efeito, nesta última década exclusivamente preocupado com as emoções os desapontamentos e os prazeres possíveis na livre América. Novelistas autores de novelas curtas dramaturgos já não se preocupam com o aspecto exclusivamente romântico da vida, em que a imaginação excessiva destruia como a humidare o material da sua obra. O elemento cru, vital, a própria carne ressalta das páginas dessa pleiade de escritores americanos que fazem o prestígio da América literária contemporânea. Não é desassisado dizer que êsse processus é também o do cinema americano, que se afasta de cada vez mais de nebulosas construções para ser agora, melhor do que nunca, obra viva, directa: a própria palpitação da existência môça dum grande novo.

A combinação do ponto de vista realista-crítico que é todo o valor da obra de Teodoro Dreyser, Sherwood Anderson, Sinclair Lewis, Upton Sinclair (e quem não conhece a «Tragédia Americana» do primeiro, o formidável estudo de costumes americanos «Puzzled America», do segundo, a acerada crítica ao materialismo Yankee» «Babitt» do terceiro e os notáveis livros sôbre o petróleo e as tragédias que dêle nascem, do último) resulta sem dúvida do mesmo espírito que preside à realização dos melhores filmes, dos grandes realizadores americanos sôbre motivos análogos. E não só a identidade dos temas se reconhece à primeira vista, verdadeiramente a técnica dêsses escritores é influenciada pelo cinema ou se quiserem a mesma atmosfera molda actividades criadoras afins. Assim John dos Passos surpreende o encanto multiforme da América no seu livro «Big Money» e faz obra verdadeiramente cinematográfica nesse baixo relêvo empolgante em que se descreve — Nova York — disse descreve, melhor diria reproduz cinematogràficamente o espelho da América: «Manhatam Transfer».

Também os escritores de além atlântico que procuram sair da realidade americana de hoje para uma literatura de evasão como Pearl Buck, Lewis Douglas, Hervey Allen (o autor de Anthony Adverse) Margueret Mitchell (autora de «Gone with the wind») e outros encontraram no cinema americano réplica imediata. E não é apenas desejo frizá-lo pelo facto de alguns dêstes autores terem visto a sua obra adaptada ao cinema. O desejo de conhecer um mundo extra-americano de escapar ao menos no ponto de vista espiritual à doutrina de Monroe solicita a atenção de todo o americano escritor ou realizador para os temas e paisagens que não sejam tão sòmente os da sua pátria.

* * *

Tomando casos individuais, todavia sempre, muito significativos verificamos na obra dramática de Eugene O'Neill uma nítida influência cinematográfica na qual se inserem profundas preocupações psicológicas; Maxwell Anderson também dramaturgo — autor de «What price Glory?» igualmente mostra que a sua imaginação não é de todo alheia à poderosa influência da arte cinematográfica americana. William Faulkner, Thorton Wilder, Ernest Hemingway (autor de «For whom the bell tolls» obra que vai ser adaptada ao cinema), John Steinbeck autor de «Of Mice and Men» e de «The grapes of wrath», William Saroyan e alguns outros menores demonstram todos pela sua profunda sensibilidade, pela sua vívida imaginação, pelo seu sentido do documento humano ou social, pelo seu humor as suas afinidades com os mestres da sétima arte enfim com a própria sétima arte.

O gôsto do público americano é sinceramente respeitado em tôdas as obras dos autores americanos de hoje. Parece que o mesmo poderemos dizer do cinema americano. E isto que pode parecer um acto de conformismo comercial é na verdade mais do que isso: a expressão duma superioridade colectiva já agora inegável.

Títulos ilustrados

De Lemos

«A VOLTA DO HOMEM INVISÍVEL»

A NOSSA CAPA

Zarah Leander

Os grandes lagos, de quietude impressionante, que rodeiam Karlstad, as florestas silenciosas e imensas que cercam aquela cidadezinha perdida no interior do Värmland, no país dos fiordes e das neves, nessa Suécia que presenteou já o cinema com uma das suas mais extraordinárias figuras, foram o quadro onde decorreu serena a meninice de Zarah Leander, filha e neta de pastores de almas, por entre a austeridade grave de seu pai, a bonomia suave de sua mãe, e a vivesa turbulenta de três irmãositos.



Zarah Leander

Foi aí que aos 14 anos Zarah assistiu pela primeira vez a um espectáculo teatral vendo representar, por uma companhia em *tournée*, «Peer Gynt».. O dramático simbolismo de Ibsen, a música admirável de Grieg impressionam-a de tal forma que no dia seguinte um único pensamento paira no seu espírito — ser actriz. A oposição formal da família obriga-a, porém, a esquecer momentâneamente a aventura do palco.

Certo dia, terminados os seus estudos de liceu, anuncia solenemente aos pais o seu próximo casamento com o actor Juliens Leander. Desta vez, porém, as palavras de desaprovação dos seus não conseguem demovê-la. E aos 17 anos, casada, parte para Riga com o marido. É então que ela repara no êrro do seu casamento, a que um divórcio põe termo ràpidamente.

A magia da ribalta continuava, porém, a exercer sôbre ela a sua estranha influência levando-a a participar na companhia dum dos teatros daquela cidade do Báltico. Um dia Ernst Rolf, famoso empresário sueco, vai a Riga dar uma série de representações e volta a Estocolmo com mais uma actriz na companhia — Zarah Leander!

Uma peça que interpreta com Gösta Ekman, aquele que foi no cinema o inesquecível Dr. Fausto do filme célebre de Murnan, dá-la para a primeira fila. Mas é a «Viuva Alegre», que representa durante um ano consecutivo, que faz dela a mais popular actriz do teatro sueco.

Em 1936 um empresário de Viena chama-a para o seu teatro, e o êxito de Estokolmo repete-se clamorosamente na cidade celebrada das Valsas. É ali que pela primeira vez toma contacto com o cinema fazendo «Chuva de Mulheres», um filme policial de ambiente musical, que Lisboa viu já, a seu tempo. Um ano depois entra triunfalmente nos estúdios da UFA, tornando-se a sua vedeta de maior categoria, aquela a quem as mais importantes criações são confiadas.

Vamos vê-la em «O Veneno dos Trópicos» a tão falada «Habanera» que a Lisboa-Filme agora apresenta, onde poderemos admirar o seu magnífico talento e ouvir a sua voz maravilhosa, de tom grave e aliciante, que o disco popularizou em todo o mundo.

15 de Março é o dia do aniversário de Zarah Leander... É casada com Fred Forsell, um escritor de nomeada... Ao contrário do que parece nos seus filmes, é uma mulher alegre e cheia de vivacidade... Possue próximo de Estokolmo uma ilha minúscula, onde costuma passar as suas férias.

JAIME DE CASTRO

CINEMA PORTUGUÊS

CINEMA «NÓRDICO»...

Onde se recorda uma dívida de gratidão em aberto com a cidade do Pôrto, que conseguiu dar à indústria cinematográfica nacional um período aureo, estimulando e favorecendo a produção de filmes num ritmo normal

O Cinema Português tem uma dívida de gratidão em aberto com a Cidade Invicta. É ao Pôrto que se deve, em grande parte, a existência da indústria cinematográfica, ou pelo menos o seu desenvolvimento no continente português. Da capital do Norte, sem dúvida mais laboriosa e com mais iniciativas do que a acrópole do Tejo, vieram os maiores estímulos para o Cinema e, durante anos, dela vieram as leis que pesaram no capítulo cinematográfico, pois do seu estúdio envidraçado e amplo saíram dezenas de produções, muitas das quais constituiram autênticos êxitos.

Circunstâncias várias e que não interessa historiar lançaram por terra, em pouquíssimo tempo, o que a boa vontade e a iniciativa de muitos levara anos a erguer, a pôr de pé. O estúdio por onde passaram glórias do nosso teatro — e que, infelizmente, não puderam ser glórias do nosso Cinema; o estúdio onde filmaram Pato Moniz, Eduardo Brazão, Ângela Pinto, Augusto de Melo, Duarte Silva, fechou e está hoje adaptado a uma indústria totalmente alheia ao cinema. Todo o recheio da «Invicta Film» desapareceu no servedoiro do tempo. Dispersaram-se elementos; a «Délvie» que filmou tantos cine-dramas, entre êles alguns romances de Júlio Diniz, pertence hoje a um fotógrafo; os projectores sumiram-se. E desde então, o Pôrto cinematográfico começou a estiolar-se. Acabou a «Invicta-Cine», acabaram os jornais e as revistas de Alberto Armando Pereira. Hoje, no rescaldo da vida cinematográfica da Cidade Invicta, restam apenas a actividade dêste nosso amigo, que dotou a Capital do Norte duma emprêsa distribuïdora de filmes; a escassa mas valiosa contribuïção de Manuel de Oliveira e do seu esplêndido operador António Mendes e a cooperação de Adolfo Quaresma. E já lá vão anos, muitos anos, sem que o Pôrto acorde do letargo para retomar a flâmula azul...

É talvez a lei das compensações: o Pôrto ditou leis, no cinema, no tempo em que êste era mudo; cabe agora a vez a Lisboa de ditar leis no reinado do sonoro...

Seja porém como fôr, quaisquer que sejam as surpresas que o futuro nos reserve, Portugal cinematográfico tem uma dívida de gratidão em aberto com o Pôrto.

Notamos com interêsse e com curiosidade que, embora tenha abandonado a produção em 35 m/m, o Pôrto está a bater Lisboa na produção de filmes de formato reduzido ou, pelo menos, na organização de grupos produtores dêsses filmes. É outra lei de compensação: contentar-se com o mais pequeno quando não quere abalançar-se ao maior...

Várias vezes temos preguntado a nós próprios que motivos levam o Pôrto — a cidade das iniciativas, a cidade industrial, a cidade que está para Lisboa como Barcelona para Madrid, ou seja o centro onde se cria e o centro onde se devora — que motivos levam a cidade alcandorada nas colinas que descem para o Douro, a abster-se de retomar o seu lugar na produção cinematográfica.

Não nos cumpre indagar os porquês pois da vida alheia não curamos, mas lamentamos o facto, visto haver no Norte elementos de valor que poderiam ter uma actuação decidida e eficiente.

O Pôrto, tão rico de características, com formosíssimos arredores, uma história opulenta, enquadrada numa das regiões mais formosas do país, servido por homens de iniciativa e acendrado amor à sua cidade, bem podia vir, de braço dado com Lisboa, fortalecer a débil raiz do Cinema Português e ampara-lo na época do crescimento que se anuncia nitidamente.

É êsse Cinema «nórdico» que vimos aqui defender, por respeito ao passado cinematográfico do Pôrto. É êsse Cinema «nórdico» que gostaríamos de ver renascer, para estímulo e benefício da produção nacional.

Porque ficar a Cidade Invicta reduzida à condição de espectadora dos filmes lisboetas quando, numa camaradagem salutar, pode vir — e virá, decerto, um dia — ajudar ao desenvolvimento e à continuidade — senão simultaneidade — da indústria mais tentadora da nossa época?

Não acreditamos que o Pôrto esteja indiferente pelo Cinema. Ao contrário, sabemo-lo interessado pelo movimento do nosso estúdio e pelas produções que dali saiem...

Ao lamentarmos o seu silêncio é apenas por saüdade da sua pretérita actividade.

Mas oxalá o cinema «nórdico» volte a ser um facto.

E oxalá se pague um dia a dívida de gratidão em aberto, no campo cinematográfico, com a Cidade Invicta.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

O individualismo tem sido dos piores males do nosso cinema. O português deseja sempre permaneccer só, oculto, se fôr possível aos olhos dos demais, porque não confia na ajuda alheia, no esfôrço útil dos outros. Aqui está, portanto, um mal evidente que prejudica a nossa actividade cinematográfica.

O trabalho resulta estéril visto estar provado que um só homem não pode realizar jámais o trabalho que podem fazer cinco homens. E o estado de coisas que daí advém, motivado pela desconfiança mútua, não poderá fazer triunfar uma indústria tão susceptível de alterações como é a indústria dos filmes.

António Lopes Ribeiro anima-nos agora com a sua vontade decidida, desejando levar a bom termo o cinema, levantando-o do seu largo torpôr, convertendo em realidade o progresso da nossa indústria. Êle diz que não tarda que se encontrem os verdadeiros caminhos a seguir e, como troféu de glória, clama o número de películas que estão a fazer-se ou se encontram em preparação. Todavia, convém acentuar que, se a futura cinematografia promete ser abundante, a quantidade não quere dizer qualidade. É agora que se têm de valorizar os melhores elementos conhecidos, e os bons por conhecer, que os há. Formar um bloco de produção que corresponda à aliança mútua — ideal, arte — dinheiro, e dinheiro e arte.

E, então, poder-se-á dizer que se faz cinema em Portugal. Até lá, continua-se a viver de individualismos ou de isolacionismos — que é pior.

Entre nós, existe a ambição individual.

Não queremos investigar se por acaso se trata de um defeito de raça, de origem, ou se é conseqüência do nosso estado de cultura e educação. O facto é que êsse grande defeito existe e teremos ainda muito que lutar para o corrigir. Dificilmente, se encontra quem sinta prazer no trabalho realizado em comum sem estar sujeito a divisões fatais provocadas pela ambição desonesta, embora esteja comprovado que existem ambições que se justificam. Quando se luta, por exemplo, pelo bem comum.

O nosso cinema seria feliz, se, por ventura, se pudessem reünir inteligências e actividades unidas por um laço ao mesmo tempo idealista e ambicioso. E se essa união pudesse conservar-se, pelo menos, três anos sem deserções, sem rixas, sem invejas, sem a preocupação (tão própria do carácter português) de querer sempre fazer sombra ao seu vizinho — então, outro galo nos cantaria! Seria ouro sôbre azul. Atrevemo-nos mesmo a garantir que se poderia chegar a um lugar proeminente na produção cinematográfica mundial.

É que um ambicioso pode chegar a ser rico por meios honestos. O egoísta, assim chamado por converter em avareza a sua ambição, — nunca. E é êsse egoismo contraproducente que temos de atalhar e fazer desaparecer. De contrário em matéria de cinema não valeremos nada, não passaremos da cêpa-torta, nunca chegaremos a ser alguma coisa.

Agora impõe-se a união, o espírito de colaboração indispensável a tôdas as coisas de cinema. Depois, mais tarde, quando se souber no resto do planeta que existe um cinema português, pouco importa que nos dividamos e que façamos concorrência uns aos outros. Talvez, até convenha. Em tôda a indústria criada e confirmada, a concorrência é estímulo. Isto é: o êxito e a riqueza.

Como se vê, o problema é bem claro. O caso do inidividualismo não é para desprezar. E o remédio parece fácil, se nos dispusermos a aproveitá-lo. O pior é que não temos, ainda, a disciplina cívica necessária. E é pena que, podendo chegar a essa união de inteligência, capital e comércio (os três factores de tôda a indústria produtiva) não percamos a pecha do personalismo...

AUGUSTO FRAGA

A PÁGINA DOS NOVOS

FRANK CAPRA

O Cinema possui hoje uma intelectualidade sua. Essa intelectualidade reside na perfeita exteriorização pela imagem, dos mais profundos temas. É a resultante do esfôrço grandioso de tornar simples e assimilável, o complexo e o transcendente. É a forma de entregar ao estudo de todos, o que, sem o cinema, só era dado aos mais apetrechados.

O poder espiritual do cinema, reside assim, na clareza da exposição. O ritmo do filme, factor primordial do seu interêsse é o índice da facilidade dessa exposição. O difícil, é ajustar êsse ritmo de tal forma que o observador se mantenha constantemente ligado à acção do filme, para que o possa compreender e sentir.

O realizador por vezes divaga, sôlta-se da ideia geral, levado por vezes por um desejo do embelezamento plástico, ou no intuito de procurar elementos atractivos. Se o filme ganha em espectáculo, perde parte do seu poder descriminativo da ideia.

A exposição perfeita será aquela que consiga encontrar os elementos de interêsse no próprio desenvolvimento da ideia do filme.

Frank Capra é um dos símbolos que o cinema possui para definir a intelectualidade cinematográfica.

Servindo-se duma técnica perfeita, Capra não abusa dela, utiliza-a para suavisar a ideia, para a tornar mais captável.

Não devaneia, conta a sua história, busca os elementos de aparo, nas situações que cria para que a descrição da ideia seja perfeita.

As cenas dos seus filmes só podem pertencer a êles, não podem servir outras ideias, de tal forma se relacionam e conjugam com o desenvolvimento do assunto, porque neste só entram os elementos a êle necessários.

Nesse poder de concentração da ideia reside um dos grandes valores de Capra. Porque, não desviando a acção, contando-a através de situações repletas de simplicidade, o filme ganha em leveza, não fatiga, e o observador interessa-se por cada pormenor, porque necessita dêle para a compreensão.

Senhor duma forma privativa de escrever pela imagem, refletindo em cada uma a agudeza do seu espírito, Capra, tornou-se um ídolo cinéfilo exactamente por aquilo que consegue expôr, no seu modo absolutamente pessoal da descrever.

O observador habituou-se a ler nas suas imagens, compreende-as, segue-lhes a ideia que definem, sempre entusiasmado e interessado.

Cativa, prende o espectador, muitas vezes num simples gesto dos intérpretes.

A acção principal de cada cena tem sempre a completá-la uma indicação do que nela se passa em relação com a ideia geral do filme — em «Peço a Palavra», Jefferson conversa com Paine, mas o retrato de Taylor preside a ela, e a máquina desvia-se da fotografia, quando a conversa também se desvia da acção de Taylor.

Um simples personagem lhe serve para indicar o encaminhar da acção — as atitudes que o presidente do Senado, vai tomando à medida que se transforma a sua opinião sôbre Jefferson.

As situações nascem com subtileza e espontaneidade. Por exemplo nos filmes de Lubitsch na maioria das vezes o observador atento, pressente o que se vai passar, embora aguarde ansioso o desfecho da situação que previu (a cena da gargalhada de Ninotchka; o convite de Frank Morgan, para o jantar do dia de Natal, em «Loja da Esquina»).

Nas produções de Capra as situações não se esperam, resultam por isso com mais sensação — o sôco no advogado em «Doido com Juízo»; o assobio de Jefferson na sessão do senado em «Peço a Palavra».

Frank Capra é também um dos maiores elementos ao serviço da emancipação artística do cinema.

Tôdas as afinidades que poderiam ser apontadas entre o cinema e as outras artes de ficção, anularam-se pelo seu desenvolvimento técnico, pelos processos de realização e interpretação, de tal modo que não poderá hoje ao falar-se de cinema, compará-lo senão com o próprio cinema.

Nos filmes de Capra a emancipação é quási total.

Os assuntos não poderiam ser descritos senão pelo próprio cinema. Os personagens não representam nunca, vivem as suas interpretações e de tal forma que, é raro o artista dirigido por Capra que não conquiste o público pela humanidade imposta nos desempenhos.

A perfeita técnica que usa, imprime às suas obras uma grandeza tal que a nada se assemelha senão aos seus próprios filmes. Capra é sempre êle próprio, critica-se indo buscar elementos de comparação a êle mesmo não se confunde, não copia, dificilmente será copiado.

Se William Wyler é o realizador máximo, da descrição, pela análise profunda dos caracteres nos seus casos íntimos. Se êle nos emociona pela verdade minuciosa dêsse exame.

Se Alfred Hitchcok galvaniza o público pelo que consegue arrancar em cenas que parecem já vistas, mas onde encontra sempre uma forma nova de sugestionar o público (essas cenas de permanente frenesi passadas no moínho, na tôrre da igreja, na queda do avião em «Correspondente de Guerra»).

Frank Capra é o realizador por excelência dos grandes «clous» em ambientes reduzidos. Prende, domina, sugestiona em tudo, de tudo faz «clou» emocionante.

Capra consegue assim suplantar a maioria dos grandes realizadores do cinema, porque êle conta as suas histórias de forma a que todos se infiltrem dentro delas.

Ao impor o seu génio, Capra conseguiu atingir o máximo a que um artista ambiciona elevar-se, tornar-se admirado e compreendido por todos.

E cada obra sua, representa na história do cinema um marco novo, no seu desenvolvimento intelectual de artista.

SILVA BRANDÃO

COMO SE FORMAM OS ASTROS

O facto dos artistas de cinema mais classificados serem apelidados de astros ou estrêlas trouxe-me, desde que se iniciou tal uso, constante preocupação. Porquê a comparação entre dois corpos de envergadura e missão tão diferentes?...

Quais os motivos que levaram os senhores da Cinelândia a substituir os muitos adjectivos que até então lhes serviram e nos serviram: por um nome, próprio de corpo celeste?

Sempre que fazia estas preguntas a mim própria ou procurava em coisas de cinema a resposta para elas, topava com a treva infinita em que giram os astros — os autênticos .

Mas, o acaso, um senhor que se faz muito rogado, aproveitando hàbilmente tôda a oportunidade para nos servir... resolveu auxiliar a minha investigação, permitindo que estabelecesse relação entre a incógnita que buscava e a série de artigos que Mota da Costa, a quem peço vénia, vem publicando para aproveitamento dos que desejam entrar nas constelações que se vão formando.

Assim, da treva fez-se luz, e, apenas para mim... deixou de existir a dúvida.

Tal como o Criador, estendendo o braço omnipotente, movimentou a treva e sacudiu os átomos, formando as nebulosas que geraram astros: o realizador — em regra um criador, sacode o espírito e o corpo, recosta-se numa confortável cadeira, tira fumaças dum havano puríssimo e vê deslizar ante os seus olhos as pequenas nebulosas que o calor do génio, a chama do desejo ou a luz da arte transformarão, com o seu poderoso impulso, em estrêlas de várias grandezas... Imprimido o movimento, o criador abandona-as à própria fôrça, segurando-as pela gravitação à sua pessoa, dentro duma órbita determinada. Sol que flameja, planeta vigoroso espelindo pelas sua crateras chamas geniais; astro em arrefecimento, sacudido de longe em longe pelo tremor do génio que abre as largas fendas por onde saiem os fumos da arte. E, finalmente, bloco decadente, já sem calor nem luz própria, que gravita, apenas pela razão do movimento inicial e acabará por se desprender no infinito nada, aonde não cabem legítimos orgulhos e chegam retumbantes os ecos da ingratidão!...

Os que se sentem com aptidões e coragem para entrar no concêrto celeste e brilhar no firmamento... devem apetrechar-se de todos os elementos na subida que lhes permitam uma forte reserva de valor, para ouvir, sorrindo, o eco da treva.

Existe, de facto, razão para se classificarem como astros os artistas da tela! Até o tempo de formação, punjante e decadência os iguala! Os anos são ínfimos instantes na vida dum astro.

MARIA GIL

CORREIO DOS NOVOS

K. K. K. — Tenho recebido a tua colaboração mas, como deves compreender, nem tudo poderei publicar, por falta de espaço. Peço-te, pois, que não tenhas pressa.

CAVALEIRO DO IDEAL — Muito bom, principalmente pelos conceitos, pelos alvitres. Ora, isto é que tem personalidade. Brevemente, sai a tua prosa. O problema da falta de popularidade das nossas vedetas tem muita verdade. Só te faltou apontar o remédio para tão grande mal.

SILVA BRANDÃO — Óptimo. Cá recebi dois artiguinhos. Gostei muito do que escreveste sôbre o Capra.

RAINBOW — Recebi, li e gostei.

JOSÉ BARBOSA — Sim, senhor, aprovado.

MARIA GIL — Outra vez por cá? Bravo! Sê muito bem vinda a esta tua casa! Gostei do artigo e vai ser publicado. Mas já, já, é que não pode ser.

OUBLI — Dizes que há outro leitor com o teu pseudónimo e que não é teu o artigo que publiquei nesta página? É esquisito e, se de facto, algum leitor se utiliza do teu pseudónimo, demonstra falta de originalidade e de correcção, até. Fizeste bem em prevenir-me. Já agora, somos dois que estão de atalaia.

A REAPARIÇÃO DE ZARAH LEANDER, HOJE À NOITE, NO CINEARTE, NO FILME

«O VENENO DOS TRÓPICOS»

A LISBOA-FILME apresenta a super-produção da UFA, «La Habanera», em que a grande vedeta do cinema europeu tem uma das suas melhores criações, e que é um dos maiores êxitos do cinema alemão contemporâneo



Zarah Leander, a mulher que alia um talento viril à mais feminina sedução

Uma boa, uma agradável notícia para os nossos leitores: vamos ver, de nôvo, filmes alemães. Vão voltar os bons tempos das grandes produções germânicas! Todos se lembram ainda do cinema de além-Reno, dos seus famosos artistas e realizadores — ídolos de épocas passadas, verdadeiras fontes de receita das bilheteiras.

Pode considerar-se, sem receio de exagêro, ou espírito de reclamo, período áureo, o que o cinema alemão atingiu há algum tempo. Temporadas e temporadas de êxitos sucessivos. A escola, a classe das películas da Alemanha impunham-se a todos os títulos. Os seus artistas eram nomes familiares dos cinéfilos portugueses. Bons tempos — dirão ao recordar essas épocas gloriosas. Pois, os bons tempos vão voltar, graças à Lisboa-Filme, representante, entre nós, de tôda a programação da Terra-Filme e da U. F. A. A escola é outra — acompanhou as evoluções técnicas dos nossos dias — os artistas são, na maioria, nomes quási desconhecidos do nosso público mas a qualidade é a mesma — qualidade famosa, de técnica que «fala melhor» ao nosso temperamento.

A Lisboa-Filme vai, na quarta-feira, no Cinearte, recomeçar a exibição de filmes alemães. Para estreia escolheu *O Veneno dos Trópicos*, uma novela plena de interêsse, servida por um tema original, e provido das qualidades exigidas para que agrade sem reservas, tendo a valorizá-la o desempenho magistral de Zarah Leander, uma grande artista em qualquer parte do mundo. Antes de nos referirmos mais de espaço a *Veneno dos Trópicos* queremos dar aos nossos leitores alguns nomes de películas alemãs que a Lisboa-Filme nos apresentará. São elas, entre outras, *Lar Bendito*, com Zarah Leander, *A Vida Recomeça*, com a mesma grande vedeta e Willy Birgel, *Os homens devem ser assim*, que tem como principais intérpretes Hertha Feiler e Hans Söhnker, *Oiro Negro* com o conhecido Gustav Frohlich e Brigite Horney, *Vou ali, volto já*, realizado por Peter Pal Braner, *O Mistério do Quarto 217*, realização de Gustav Ucicky e interpretação de Hans Albers, e de Brigitte Hornay, *Amor de Mãe* e *Coração de Raínha*, ambas com Zarah Leander na protagonista, *Noite de Baile*, com a insinuante Marika Rokk, *Der Postmeister*, extraída do romance de Puchkine, realizada por Gustav Ucicky e Heinrich George, e muitas mais produções também de reais méritos, com «casts» notáveis, onde figuram nomes como o de Emil Janings.

Como vêem, eis-nos de novo no caminho do melhor que se produz em cinema. É assim mesmo: apesar de estar à porta o fim da época, a Lisboa-Filme vai dar ao público, as melhores produções alemãs, apresentando, no nosso país, artistas já consagrados do continente, e pouco conhecidos em Portugal. Está neste caso, a grande vedeta sueca Zarah Leander, há já anos falada na imprensa portuguesa e que todos estão ansiosos de ver. Zarah Leander não é uma artista vulgar. Figura de primeiro plano, os seus trabalhos são disputados a pêso de oiro. Zarah é um cartaz em qualquer parte do universo. Por isso, a Lisboa-Filme, ao recomeçar a apresentação de filmes germânicos, a escolheu para estreia. É ela a protagonista de *Veneno dos Trópicos*.

Mais do que um filme: um espectáculo de agrado certo

O Veneno dos Trópicos, que o *Cinearte*, hoje, apresenta, em estreia, não é um filme vulgar. Numa só novela foi possível introduzir várias cambiantes de interêsse e agrado certo. Assim, por exemplo, a par duma história de amor que parece feita de ternura, de encanto, assistimos ao trágico e honroso espectáculo duma febre que ceifa centenas de vidas humanas. Costumes pagãos, selvagens, de verdadeiros bárbaros, levam os homens que conduzem os destinos da ilha a desprezar a intervenção dos médicos prontos a contribuir, com a sua ciência, para remediar a moléstia. Acham preferível ver tombar, diàriamente, dezenas de indígenas, a consentir no auxílio da medicina. Tudo para que os jornais norte-americanos não noticiem a peste que atacou aquelas paragens tórridas, afastando o viajante ávido de novas paisagens.

Ainda em verdadeiro contraste, está a beleza triste, como lágrimas que correm pelo rosto, das neves do norte, com a pujança da natureza, e o clima abrasador dos trópicos.

Uma tourada de *verdad*, com o seu público favorito e entusiasta, onde não faltam rasgos de valentia e cavalheirismo, contrasta com a mais sentimental, a mais meiga, das canções — a da mãe que, prestes a ficar sem o filho, lhe ensina, cantando, o alfabeto — primeiro passo para a vida.



Uma das cenas mais delicadas do fonofilme da U. F. A.

Costumes bárbaros e pitorescos chocam-se com a civilização das cidades, ante o pesadêlo das febres.

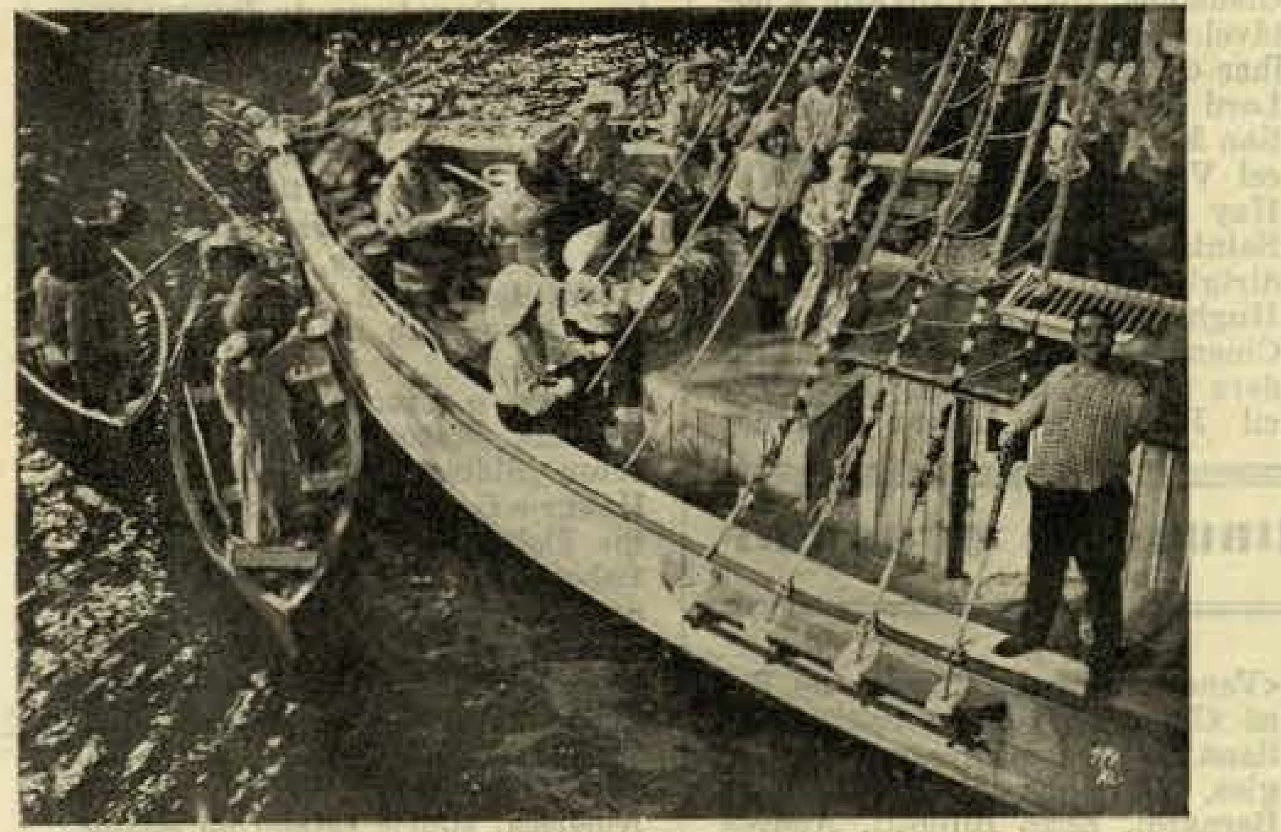
Da música e dos artistas

O Veneno dos Trópicos, *La Habanera*, no título original, foi realizado por Dotlef Siereck, e só há que tecer louvores ao seu trabalho. Procurou, e conseguiu inteiramente os seus fins, pormenorizar a história, contar, com calma, a desdita daquela ilha que parecia um paraiso, e se transformou num inferno, o amor duma sueca rica e viajada, amiga dos prazeres da sociedade, por um homem que a não compreendeu. Siereck, dá-nos, o que aliás é apanágio da cinegrafia de além-Reno, um estilo diferente do que o público está habituado a ver. Um estilo mais humano.

Com Zarah Leander, que será, dentro em pouco, disso estamos certos, o ídolo do público português, contracenam Karl Martell, Ferdinand Marian, Julia Serda, Michael Schulz-Dornburg, etc.

São três as qualidades de *O Veneno dos Trópicos* que, se quisessemos, podiamos, até, chamar-lhe um filme musical. De facto, em tôda a produção, notam-se belas melodias, ao mesma tempo estranhas e encantadoras. O «leit-motiv» é «La Habanera», uma canção que tem feito furor onde o filme tem sido exibido.

Trata-se duma música dos trópicos, repassada duma melodia suave e embaladora que nos chega ao coração. «La Habanera» vai ficar no ouvido do público.



«O Veneno dos Trópicos» decorre nos ambientes mais variados e pitorescos

A história

Pôrto Rico, com o seu sol ardente, e os encantos naturais atrai o viajante. Astree, uma sueca, que, com sua tia Ana, viera à Ilha, está maravilhada. Para ela, Pôrto Rico é um paraizo. Em tudo encontra beleza, um mundo desconhecido que surge a seus pés. Não julgou «descobrir» tão longe aquele paraizo pequenino. Sentia-se num país de fadas, onde tôda a gente ria e cantava. Nada havia que não quisesse ver de perto. O acaso levou-a a assistir a uma tourada, e a conhecer D. Pedro Avila cuja coragem e valentia tiveram para Astree um significado especial.

D. Pedro, quási o senhor da Ilha, apaixona-se por Astree, e esta por capricho ou por admiração, corresponde-lhe. Para não voltar à vida monótona de Estocolmo, Astree, foge da tia, no momento de embarque, para ficar em Pôrto Rico. Casa com D. Pedro. Os anos vão passando, e Astree, dia a dia, vai vendo que a ilha não era o paraizo que lhe parecera. Uma epidemia alastrava causando numerosas vítimas. Já em tempos uma missão do Instituto Rockfeller tinha tentado descobrir um remédio para essas febres de Pôrto Rico, mas sem resultado, porque as pessoas gradas da ilha, e à frente delas D. Pedro, lhe paralisaram os benéficos movimentos. Os jornais americanos falaram muito nas febres e o comércio local paralizou. Por isso D. Pedro, e os que têm altos interêsses em Pôrto Rico, detestam os médicos porque, diziam êles, era preferível morrerem 200 pessoas com febre do que mil com fome, se o negócio da ilha paralisasse.

Astree não é feliz. Tem um filho de nove anos, que o pai quere educar nos costumes bárbaros da região. Astree sonha com a Suécia, com a neve que há dez anos não vê... Entre Astree e D. Pedro desencadeia-se uma guerra que parece não ter tréguas.

O Dr. Sven, acompanhado dum colega brasileiro, vem de Estocolmo, estudar e tentar dizimar as febres. Sven fôra um apaixonado por Astree, mas a diferença de posição entre ambos não lhe permitira declarar-se...

D. Pedro, ao saber o objectivo da viagem dos médicos, prejudica-lhes os trabalhos. O Dr Sven tinha já descoberto o remédio contra a epidemia, mas tudo é destruido, pois D. Pedro é senhor e dono de Pôrto Rico. O mal, porém, não o poupou, e D. Pedro é atacado... E, destruido o remédio contra a epidemia, ninguém lhe pode valer...

Astree parte para a Suécia na esperança de melhores dias...

Eis, a traços largos, a história de *O Veneno dos Trópicos*. Mesmo que a tivessemos contado com pormenores, não lhe tirariamos o interêsse que aumenta de imagem para imagem. O leitor de hoje, espectador de amanhã, não perde, por êste simples apontamento, o interêsse de ver «*Veneno dos Trópicos*. Pelo contrário: deve ir ver êste filme, na certeza de assistir a um bom espectáculo.



Tendo por fundo uma paisagem de grande beleza, assiste-se a uma «tenta» toureira

A fechar

Os estúdios de Neubabelsberg, de Tempelhoff e de Johannisthal continuam produzindo, com continuidade, e boa classe, filmes dos mais diversos temas.

O facto de, em plena guerra, os estúdios alemães continuarem em laboração e por forma notável, prova à evidência a importância que o cinema tem. Êle serve de factor de propaganda, serve de elemento recreativo, serve para manter a unidade duma ideia e dum povo, serve para enaltecer e desenvolver virtudes rácicas. Por isso, em tôda a parte, o Cinema prossegue a sua marcha vitoriosa, para agrado e para satisfação do público que dêle necessita hoje, como precisa de vitaminas.

O Cinema impõe-se por si próprio.

O Cinema alemão — quanto mais não seja por curiosidade e amor à arte das imagens — merece ser divulgado.

Por isso dizemos:

As brilhantes épocas remotas do cinema de além-Reno, voltaram a Portugal, graças à Lisboa-Filme, distribuïdora exclusiva das produções da Terra-Filme e da U. F. A. e emprêsa de créditos firmados junto do público.

NOTÍCIAS DA EUROPA

Inglaterra

Nos estúdios ingleses trabalha-se activamente em novos filmes

O Cinema continua triunfante por entre o ambiente de tragédias e de ansiedade, de dificuldades e de complicações em que hoje, salvo raríssimas excepções, vive a velha Europa, entregue às maiores provações.

É bem verdade. A indústria cinematográfica, seja qual fôr o país europeu que se considere, movimenta-se triunfalmente, acusando até, paradoxalmente, uma importância que em tempo de paz não conhecera.

É que o Cinema continua sendo elemento imprescindível na vida dos povos, ao mesmo tempo que se tornou também uma arma dos mais subtis efeitos, em que é preciso atentar.

* * *

Os estúdios ingleses — Den[illegible] ou Pinewood, Twickenham[illegible] Stepherd's Bushteem — têm[illegible] tas últimas semanas sido te[illegible] nhas duma actividade que se [illegible] qualificar de excepcional, na qual têm participação importante as casas americanas, que ante a impossibilidade de transferirem para os Estados Unidos o produto do seu negócio, se viram na necessidade de empregarem êsses capitais na produção de filmes realizados em estúdios ingleses.

A lista dos filmes concluídos ùltimamente, e dos que ocupam os «sets» dêsses estúdios é considerável. Vamos dar dêles uma lista tão completa quanto possível.

As últimas estreias

Entre os filmes recentemente apresentados nas telas inglesas contam-se «The Pimpernell Smith», o filme de Leslie Howard de que demos a seu tempo desenvolvida informação; «Old Bill and son», uma comédia de ambiente militar, parte de cuja ac-



Bebe Daniels volta ao cinema num filme inglês

ção decorre em Paris, de que são intérpretes Morland Graham, na figura de *Old Bill*, um soldado da outra guerra, Rene Ray, John Mills, Renee Houston e a actriz francesa Janine Darcy; «John Smith Wakes Up», um filme de propaganda, dirigido por Jiri Weiss, com Eliot Makeham, Amy Veness e Derek Blomfield; «Fingers», uma comédia de ambiente policial que, para a Warner Bros, Herbert Mason dirigiu e Clifford Evans, Leonora Corbett, Elisabeth Scott, Reginald Purdell e Edward Rigby interpretaram; «Kipfs», da Fox, extraído da obra de H. G. Wells, com Diana Wynyard, Michael Pedgrave e Helen Haye.

Filmes concluídos

Esperando oportunidade para serem estudadas, encontram-se as seguintes produções, algumas das quais das de maior categoria que têm saído de estúdios de Inglaterra. A saber: «The Prime Minister», uma nova biografia cinematográfica de Disraeli, com John Gielgud, um dos maiores actores de teatro da nova geração, na figura do célebre ministro, Pamela Standish e Fay Compton, na personagem da Raínha Victória, na sua mocidade, e no fim do seu reinado, respectivamente, Stephen Murray em Gladstone, Diana Wynyard, a notável actriz de *Cavalgada*, na mulher de Disraeli, Owen Nares em Lord Derby, etc.; «TheGhost of San Michael's», dirigido por Marcel Varnel, com os cómicos Will Hay e Claude Hulbert; «The Saints Vacation», para a RKO, dirigida por Leslie Fenton, com Hugh Sinclair na figura que no Cinema americano George Sanders celebrizou, Sally, Gray, Cecil Parker e Arthur Mocrae; «Spring Meeting», uma espirituosa comédia que Sarah Churchill, a filha do Primeiro Ministro, Nova Pilbean, Michael Wilding e o veterano Henry Edwards interpretaram para a Pathé. E, por fim, «Quiet Wedding», da Paramount, realizada por Anthony Asquith, que com Leslie Howard dirigiu *Pigmaleão*, sendo hoje considerado, na ausência de Hitchcock, como a maior figura do cinema britânico. É extraído duma peça de teatro há pouco representada com um êxito extraordinário por uma «troupe» de actores novos, que retomaram no cinema os papéis do palco, e a que a crítica teceu os mais entusiásticos elogios quando da sua apresentação corporativa, considerando-a como a melhor comédia jamais saída dos estúdios ingleses e um dos mais representativos filmes nacionais.

Filmes em realização

E já agora, para concluirmos a revista que empreendemos sôbre a recente produção inglesa, vamos apontar alguns títulos de filmes neste momento em realização.

Bebe Daniels, a inesquecível «partenaire» de Harold Lloyd, e a extraordinária intérprete do famoso «Caçadores de Imagens», que de há muito trabalha nos teatros de Londres, vai voltar ao Cinema para interpretar o filme da Gaumont British-Gainsborough, «Hi-Gang», tirado duma peça de teatro de que ela foi também a protagonista. Com ela aparecem Ben Lyon, seu marido e Vic Oliver, um actor de categoria.

«Once a Crook», dirigida por Herbert Mason, com o grande actor Sidney Howard, Gordon Haker e Carla Lehman; «Love on the Dole», com Frank Cellier e Deborah Kerr e «Cottage to Let» com John Mills, são alguns outros filmes em realização. A êles se deve também juntar «Penn of Pennsylvania», da British National, em que aparece a figura de William Penn, que fundou, na América, aquele estado no século XVII. O director de tão importante produção é Richard Vernon. Nêle. Clifford Evans criará a figura de Penn, Deborah Kerr, será sua mulher.

Itália

Os estúdios italianos continuam a produzir em grande escala

A produção cinematográfica Italiana não sentiu ainda, se pode dizer, a acção da guerra.

Tanto nos estúdios de Cinecitta, de Roma, modêlo de organização e de possibilidades, o melhor e mais vasto centro produtor europeu, como nos de Pisorno, na Tirrenia ou nos da F. E. R. T. em Turim, a cidade que foi o berço do cinema italiano quando êste triunfava e imperava em todo o mundo, se trabalha afanosamente.

Vamos hoje dar a conhecer aos nossos leitores os títulos e outras informações relativas aos últimos filmes realizados em Itália.

Carlo Campogalliani, um dos mais antigos realizadores italianos concluiu há pouco o primeiro filme italiano de argumento, focando a acção da Itália na Albânia, antes da guerra actual, cujo título é «Il Cavaliére di Kruja». Doris Duranti, António Centa, Guido Celano e Leda Gloria são os seus principais intérpretes.

Um outro realizador da primeira hora, e de categoria internacional, o conhecido Carmine Gallone, realizou recentemente com Gino Cervi, Conchita Montenegro, Luisella Beghi, Paolo Stoppa, Lauro Gazzollo e Luigi Pavese por intérpretes o filme «Melodia Eterna».

Mario Bonnard, que tem no seu activo trabalhos de merecimento, depois de ter feito «Mario Visconti» com Carlo Ninchi no protagonista, serviu-se dum argumento original de Augusto Turchi para o seu novo filme «La Fancinlla di Portici» que teve a interpretá-lo os nomes de Luisa Ferida, Carlo Ninchi, de novo Giulio Donadio, o actor espanhol Roberto Villa, Oretta Fiume e Guiditta Rissone.

O grande actor cómico Macario, uma espécie de irmão Marx do cinema italiano, a quem chamam o cómico anti-burguês, é o protagonista, sob a direcção de Mario Mattoli, do filme «Il Pirata Sono Io», que a crítica acaba de receber elogiosamente, Katuscia Odinzova, a espanhola Carmen Navascués, Dora Bini e Agnese Dubbini rodeiam aquele cómico nas suas picarescas aventuras de corsário corajoso e atrevido, terror dos mares da América do Sul.

«Incanto de Mezzanote» o filme de Mario Baffico há pouco estreado também, é uma história de fantasmas, à maneira de «Vende-se um Fantasma» de René Clair, e a que a crítica italiana tece os mais rasgados elogios. Germana Paolieri, Nerio Bernardi, Enzo Billiotti, Andrea Checchi, Romolo Costa e Lauro Gazzolo são os intérpretes desta história, original de Mario Baffico e de Vittorio N. Novarese.

França

O que se produz e o que se prepara

Lenta, mas seguramente, a produção francesa prossegue, multiplicando-se os projectos de realização de filmes, o que deixa antever os melhores horizontes ao Cinema francês.

Eis algumas notícias cinematográficas de França.

● DANIELLE Darrieux vai ser a protagonista, sob a direcção de Henry Decoin, de quem recentemente se divorciou, do filme «Premier Rendez-vous», em que aparecem ainda André Luguet e Jean Tinier, os seus parceiros de «Porque Bates Coração», Pierre Jourdan e Gabrièlle Dorzial.

● MARCEL L'Herbier vai dirigir a adaptação cinematográfica da célebre peça de Armand Salacrou «Histoire de Rise» de que Jean Mercanton será o protagonista.

● OS NOMES de Max Dearly, Saturnin Fabre, Marcel Vallée, Louise Carletti, Annie France, Andrex e Chukry-Bey fazem parte da distribuição do filme que sob o título de «Club des Soupirants», Maurice Gleize está realizando.

● Tino Rossi é o intérprete principal do filme que Pierre Billon realizará segundo um «scenario» de Jacques Prevert, um dos mais considerados «scenaristas» franceses. O seu título é «Le Soleil a toujours Raison».

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de CARMEN MIRANDA para a Fox intitula-se "Honeymoon in Havana" • A vedeta portuguesa trabalha ao lado de Alice Faye e Don Ameche

A acção de penetração que os Estados Unidos estão fazendo na América do Sul, a zona de influência que naquele continente procuram manter a todo o transe está sendo exercida por todos os meios e em todos os campos. A par de outros, o Cinema está a ser um elemento de extraordinária e excepcional importância na acção empreendida pela América do Norte, para conquistar o interêsse e a amizade dos países da América do Sul.

Assim, por um lado, os produtores do Cinema americano fazem situar a acção de filmes seus nos países sul americanos, de que é testemunha uma série de películas cujos títulos são bem elucidativos: «Las Vegas Nights», da Paramount; «They Met in Argentine», da RKO-Radio; «Down Argentine Way», essa belíssima «Sinfonia dos Trópicos», e o recentíssimo «That Night in Rio» que está alcançando um êxito de bilheteira nunca visto, ambos da Fox, «Down Way to Rio», de Republic, e outros mais, que de momento não nos ocorrem.

Por outro lado, para tornar ainda mais cerradas essas relações e mais próximo êsse contacto, o Cinema americano projecta enviar muito pròximamente ao Brasil, grande mercado do filme Americano, como a Argentina, e a exemplo do que há pouco fizeram com o México, uma embaixada especial de personalidades do filme, para o transporte dos quais será utilizado pela primeira vez um dos novos aparelhos «Douglas» de 124 passageiros. De facto o êxito alcançado pelo cinema yankee no México, a dois passos da Califórnia, com a presença de alguns dos maiores nomes de Hollywood que a convite do Presidente Camacho tomaram parte no Festival Mexicano do Filme, faz prever o êxito que aquela iniciativa, a realizar-se, como tudo leva a crer, alcançará no Brasil, êxito que, como é óbvio, se repercutirá nas relações dos dois países.

Já agora, diremos que entre os visitantes de Hollywood, que durante três dias puseram em estado de sítio a capital do México, se contavam Norma Shearer, primeira figura dessa delegação, Kay Francis, Mickey Rooney, Joe E. Brown, Frank Capra, Wallace Beery, Mischa Auer, Wagna Morris, etc.

•Entretanto os filmes de ambiente sul-americano continuam. Mais três estão agora na forja, só na 20th Century Fox que, não há dúvida, se tem dado o melhor possível com essa política: «The Man from Brasil», de que Robert T. Kane, o antigo director da produção francesa da Paramount, será o produtor, «Charlie Chan in Rio», e como filme de excepcional importância «Honeymoon in Havana», uma comédia musical da classe de «Sinfonia dos Trópicos» ou «Aquela Noite no Rio», e da qual serão primeiras figuras Alice Faye, Don Ameche, Carmen Miranda, que continua sendo uma das maiores sensações da América, e Cesar Romero. Êste filme cuja realização deve começar nos primeiros dias de Junho, será filmado em Technicolor e produzido por William Le Barron, que há pouco deixou a Paramount. Embora James Havens se encontre já em Havana filmando exteriores e colhendo elementos que possam contribuir para criar ao filme a atmosfera precisa, não se sabe ainda quem será o director responsável pela sua realização.

VICTOR FRANCEN na Paramount

Nesta mesma página demos notícia já do filme «Hold Back the Dawn» que para a Paramount Charles Boyer, Olivia de Havilland e essa irresistível Paulette Goddard estão a interpretar sob a direcção competentíssima de Mitchell Leisen, o antigo assistente de Cecil B. de Mille e hoje um dos «top names» do Cinema americano. Dissemos também que o director de produção era Arthur Hornblow, o ex-marido de Myrna Loy. O que não dissemos por à data se não saber ainda, era que da distribuïção daquele filme fazia parte um actor francês, de grande categoria e dos mais discutidos em França — Victor Francen, que foi um notável Eduardo VII em «Entente Cordiale» e um extraordinário *cabotino* em «Fim do Dia».

Francen, que pouco tempo depois dos acontecimentos de França se deslocara à Argentina em missão de propaganda artística do seu país, está desde há semanas em Hollywood, não devendo ter sido estranha à inclusão do seu nome no «cast» do filme da Paramount a amizade e a influência de Boyer.

BARBARA STANWICK e HENRY FONDA são os intérpretes de "Doctor's Husband", para a Columbia

A carreira cinematográfica de Barbara Stanwick iniciou-se, há alguns anos, nos estúdios da Columbia, onde foi a intérprete, de 1929 a 1934, de variadíssimos filmes, até que por desinteligências com os irmãos Kohn, que como se sabe são os supremos senhores daquela emprêsa, deixou aqueles estúdios para se tornar uma artista independente, única maneira prática de poder interpretar ùnicamente os filmes que achasse digno de nêles aparecer.

No entanto, o bom filho à casa torna. De facto, a insinuante e talentosa espôsa de Robert Taylor acaba de assinar com a Columbia um contrato segundo o qual fará dois filmes por ano, durante três anos, ficando sujeitos à aprovação de Barbara Stanwick os argumentos dos filmes que lhe destinam.

O primeiro filme dêsse contrato tem por título «The Doctor's Husband», realizando-o Wesley Ruggles, que ficou sendo, após a saída de Frank Capra da Columbia, a sua personalidade de maior categoria. Será seu parceiro em «O Sr. Doutor e seu Marido», Henry Fonda, devendo o filme iniciar-se logo que aquele tenha concluido «Wilde Geese Calling», da Fox.

Barbara Stanwick e Henry Fonda terminaram há pouco a comédia da Paramount «The Lady Eve», que a crítica louvou enormemente e que o público correspondeu tornando-se um dos últimos êxitos americanos de bilheteira.

CHARLES "BUDDY" ROGERS volta ao cinema em "Golden Hoofs", da Fox, ao lado da actriz JANE WITHERS

Todos os cinéfilos — e principalmente tôdas as cinéfilas — de há uma dúzia de anos se devem lembrar ainda dum artista jovem e simpático, que «Asas», o famoso filme de William Wilman para a Paramount por assim dizer revelou, e que depois, desde há cêrca de seis anos, ninguém mais viu na tela — Charles «Buddy» Rogers.

Na verdade, o seu casamento com Mary Pickford, vinte anos mais velha que êle, mas que talvez por isso mesmo, tem sido um casal felicíssimo, fez com que Charles Rogers deixasse o Cinema para se dedicar exclusivamente à música ligeira, organizando um grupo de Jazz de certa nomeada, que tem percorrido a América inteira, e de que êle é, naturalmente, o «conductor».

Agora, porém, Charles «Buddy» Rogers voltou aos seus primeiros amores, tornou de novo a trabalhar no Cinema. O filme em que fez a sua reentrada, que a crítica assinala festivamente, chegando Louella O. Parsons, a jornalista do «trust» Hearst a preguntar qual a razão porque os estúdios se têm desinteressado de «Buddy» Rogers, quando faltam bons galãs, intitula-se «Golden Hoofs» e com êle aparece Jane Withers, hoje já quási uma senhora. Alegrem-se, portanto, os seus admiradores de então, pois vão agora, de novo poder admirá-lo naquele recente filme da Fox.

MICHELE MORGAN, só depois de "Journey into fear" interpretará "Joan of Paris"

Na desenvolvida notícia que recentemente demos sôbre a actividade americana de Michèle Morgan nos estúdios da RKO-Radio, a cujo elenco pertence em exclusivo, falámos no filme com que devia iniciar a sua carreira de Hollywood, uma história cuja acção se passava em Paris, em plena actualidade e cujo título era «Joan of Paris».

No entanto, segundo notícias que nos chegam da Califórnia, em virtude de variadas razões, já não será aquele o seu primeiro filme a realizar em estúdios da América, mas sim «Journey into Fear» que Robert Stevenson — o realizador que alcançou com o seu filme «Back Street», da Universal, um êxito fora do vulgar — dirigirá. No entanto está-se trabalhando nos estúdios de Gower Street de forma a que «Joan of Paris» entre em realização poucos dias depois de concluido aquele seu primeiro filme. Como já dissemos, Lewis Milestone, o encenador de «As Mãos e a Morte» será o realizador de «Joan of Paris».

FITAS NA FORJA

• *BETTY CO-ED, com Ruby Keeler, Harriet Hilliard, Offie Nelson e a sua orquestra, Gordon Oliver, Byron Foulger, Ges. Lessey, Charles Judels, Kathleen Howard, Leo Watson e Frank Gaby. Realizador Edward Dmytryk. Fotografia de Franz Planner. Columbia (Aliança Filmes).*

• *WORLD PREMIÈRE, com John Barrymore, Frances Farmer, Ricardo Cortez, Don Castle, Richard Denning, Eugène Pallette, Cliff Nazarro, Martha O'Driscoll, Virginia Dale, Fritz Feld, Luis Alberni, Sig Rumann, Elizabeth Dow e William Wright. Dirigida por Ted Tetzlaff. Fotografia de Don Tapp. Paramount.*

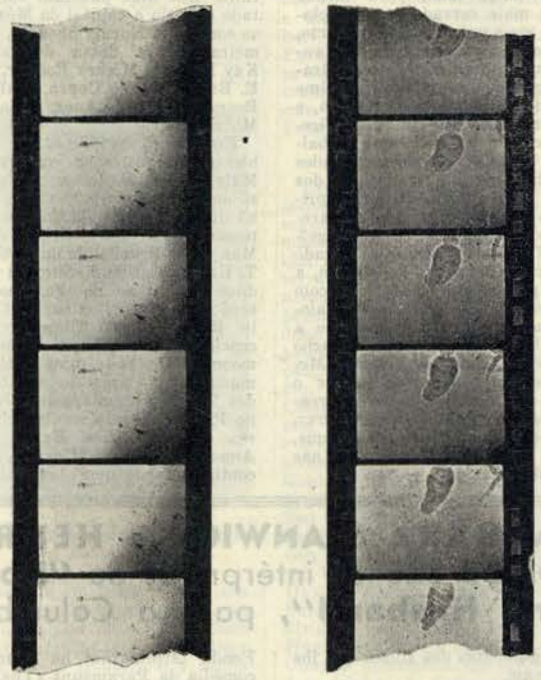
• *PARACHUTE BATTALION, com Robert Preston, Nancy Kelly, Edmund O'Brien, Harry Carey, Buddy Elsen, Patric Knowles, Robert Barrat, Paul Kelly, Richard Cromwell, Charles Quigly, Jack Briggs e Lee Bonnell. Realização de Leslie Goodwins. Fotografia de J. Roy Hunt. RKO-Radio Filmes.*

F. R.

Um microfilme realizado por CIENTISTAS PORTUGUESES

(Conclusão do n.º anterior)

Foi então que, já recentemente, o sr. dr. Pereira da Silva em colaboração com o sr. dr. Luiz Figueira, o primeiro dos quais tinha feito parte da comissão enviada ao Algarve, resolveram realizar um filme sôbre as curiosas evoluções do ovo, da cercária e do caracol que é, assim pode dizer-se, o «hospedeiro» intermediário. O filme que existe hoje nos arquivos do Instituto Câmara Pestana, em Lisboa, não pôde, infelizmente, ser concluído por várias razões. Mas o que se fez — e não foi pouco — testemunha de maneira evidente que os cientistas portugueses não desdenham acompanhar os progressos da cinematografia a qual, nas suas variadíssimas aplicações à Medicina tem prestado relevantíssimos serviços, como tentaremos expor em outros artigos. Nessas imagens cinematográficas assistimos à mutação do ovo do schistosoma saído da urina, numa forma dotada de movimentos, denominada «miracidium», que nada em procura dum determinado animal da espécie dos caracóis, animal que é sempre o mesmo e no qual penetra. Em cenas posteriores, tôdas repletas de interêsse porque nos mostram um mundo cinematográfico desconhecido, vemos sair do caracol as cercárias que são microorganismos providos duma cauda bifurcada com a qual se deslocam activamente.



Dois fragmentos de negativo do filme de 35 m/m obtido em Portugal pelos drs. Pereira da Silva e Luiz Figueira para estudo das evoluções do ôvo do «caracol» e da cercária

Ao encontrarem a pele do homem, as cercárias — como já referimos — atravessam-na em cêrca de 10 minutos e atingem, então, as veias onde vão prosseguir o seu desenvolvimento.

Pena é que realizações de filmes dêste género, como a dos srs. drs. Pereira da Silva (já falecido) e Luiz Figueira não tomem maior incremento e não se repitam com a freqüência que era de desejar, afim de que a cinematografia médica atinja em Portugal o formidável desenvolvimento que tem lá fora. São êsses os votos que nós fazemos e oxalá êles encontrem eco nas pessoas que sabem que o Cinema não serve só para a gente rir com as fitas do Bucha e do Estica.

AMILCAR MOURA



Reina grande anciedade nos estúdios da «Unic Studios and Malveira», porque os técnicos do filme «The Wolves of Mountain» partiram, já há muito tempo, para a serra onde se passa o filme e, até agora, não regressaram nem deram sinal de vida. Para aquele local partiu uma brigada de socorros. A brigada fez-se acompanhar da equipa de sons que é para chamar pelos desaparecidos em voz alta; talvez assim apareçam.

— Já se sabe que a demora no regresso deve-se ao facto dos lobos da serra terem feito grandes exigências. Reünidos em assembleia sob a presidência do sr. Lôbo da Serra resolveram que só seriam ferozes com trinta escudos de comedorias por dia. Os produtores do filme estão na firme disposição de não aceitar as exigências e, caso se não chegue a acôrdo os lobos serão substituídos por «lulus» que para o efeito serão caracterizados por Tony Willar.

— Um conhecido realizador tem encontrado algumas dificuldades para a realização do seu projectado filme sôbre o Atum.

É possível que o filme, para facilitar seja feito, em vez de ser com atum, com sardinhas de lata.

HOMEM SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Sr. Ribeiro:

Não há direito! Então o senhor vai fazer uma fita que se chama «O Pai Tirano»? Sem consideração nenhuma pelo meu passado cinematográfico (sou cinéfilo há mais de dez anos), o senhor plagiou descaradamente para o seu filme a ideia que eu tive e que muito ingènuamente lhe apresentei nas últimas cartas. O meu argumento também andava à volta dum pai tirano e eu quando lhe escrevi sôbre a minha ideia foi a pedir-lhe um conselho, não foi a pedir que a aproveitasse para si. Eu devia estar a pau, porque sei muito bem que isso é já hábito dos nossos realizadores. Afinal o senhor é tão bom como os outros.

Porque é que o senhor não aproveitou antes um dos argumentos do sr. Artur Duarte, que tem lá muitos e não lhe fazia diferença? Eu não lhe merecia uma coisa dessas. É favor riscar-me do número dos seus admiradores e devolva-me as minhas cartas. Desde o número 28 do «Animatógrafo» que deixo de ser seu correlegionário. E vou avisar o sr. Roberto Nobre para êle ver se o sr. lhe aproveita também as ideias de realização que êle tem no livro.

Oxalá que o sr. leve mais tempo a fazer esta fita que levou com as outras e a consolação que me resta é que êste ano nunca mais há bom tempo e o sr. há-de ver-se aflito com falta de sol para os exteriores.

Vou juntar dinheiro para mandar fazer uma casaca para ir à estreia da sua fita e hei-de dar pateada com os sapatos de polimento que eu também vou mandar fazer ao mesmo tempo que a casaca.

E ainda mais. Vou dizer ao meu pai que a sua fita é piada a êle. Já sabe como o meu pai é bruto. Portanto no orçamento da fita bem pode ir inscrevendo uma verbazinha para arnica...

Adeus seu plagiador até nunca mais e esqueça-me que eu farei o mesmo.

Ignácio da Purificação

P. S. Já me esquecia: Peço a minha demissão de sócio fundador do «Clube do Animatógrafo».

I. da P.

A FEIRA DAS FITAS

«O CAPITÃO INVENCÍVEL»

(Captain Caution)

A fragilidade do caso de amor dêste filme é coisa que não afecta demasiado o desenrolar da acção, acção violenta por vezes, que evoca outros grandes êxitos dêste género de filmes de aventuras marítimas como «O Capitão Blood» e «O Corsário Lafitte». Trata-se de facto de uma história essencialmente marítima de aventuras que decorrem no início do século passado, quando a pirataria começava a desaparecer e os últimos navios negreiros eram atacados nas travessias furtivas através do Atlântico pelos barcos de caça da esquadra britânica.

O «Olive Branch», um barco norte-americano, navegando em pleno mar alto sem ter conhecimento de que havia sido declarada a guerra contra a Inglaterra, descontente com a aquisição da Louisianna e disposta a tomar Nova Orleans pelas armas, é abordado por um vaso de guerra inglês que lhe captura a tripulação. Pela sua prudência, o imediato, enamorado da filha do capitão que morre na luta, merece logo a alcunha de «capitão cauteloso» (o tradutor achou melhor chamar-lhe «invencível» e isto contra tôda a lógica da figura do protagonista). Essa alcunha é-lhe dada no sentido pejorativo e escarninho, pois assumindo o comando procura logo fugir à luta certo de que aquele não era o momento asado para a resistência. A rapariga zanga-se e o romance prossegue, falhosinho de miôlo, em meio de mil e uma peripécias, algumas de construção grandiosa, especialmente nos lances sempre fotogénicos das abordagens, das lutas, das cenas que exigem agilidade, desportivismo, músculos — as quais abundam neste filme para satisfação do grande público.

O galã, Victor Mature, é um tipo atlético, mas tem uma cara chorona. Surgiu há pouco (vejam um dos últimos números da «Life» que lhe dedica grande atenção) e, se tem qualidades físicas de atleta excelente, a sua expressão mostra qualquer coisa de grotesco mesmo nos momentos mais dramáticos. A cena da bebedeira é bem prova da sua pouca experiência cinematográfica...

O «cast» apresenta ainda Louise Platt, no seu melhor trabalho; Bruce Cabot, Robert Barratt, Leo Carrillo, El Brendel e Roscoe Ates. — A. F.

«O ÚLTIMO AVISO»

(The last warning)

Filme policial de enrêdo intrincado, como convém, desafiando a sagacidade do público. Estas películas valem sempre pelo interêsse das suas novelas visto ser já tradicional a sua «limpesa» cinematográfica. Aqui a acção interessa, é conduzida com equilíbrio até final, ainda que o desfecho nos pareça um pouco frouxo e inconsistente.

O «cast» é bom. Inclui, nos protagonistas Preston Foster e Frank Jenks. — F.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«ANDA TUDO DOIDO» (Sonoro Filme)
— A fantasia da figura interpretada por ADOLPHE MENJOU.
— A comicidade de certas situações especialmente nas cenas do hospital de doidos e a intervenção final do bombeiro por diletantismo.

«A VOLTA DO HOMEM INVISÍVEL» (Filmes Alcântara)
— A segurança e habilidade com que foram realizados os truques.
— O desempenho, em especial, de Sir Cedric Hardwicke.

«CURVAS PERIGOSAS» (M. G. M.)
— A mocidade, a galantaria e as faculdades invulgares de LANA TURNER.
— Os bailados dançados por GEORGE MURPHY e LANA TURNER, com marcações de BOB CONNOLLY e EDDIE LARKIN.

«JEZEBEL, A INSUBMISSA» (S. I. F.)
— A interpretação admirável de BETTE DAVIS.
— A magistral realização de WILLIAM WYLER.
— As decorações de ROBERT HAAS e a fotografia e filmagens de ERNEST HALLER.
— O argumento, de que foi autor OWEN DAVIS SR.
— As interpretações de HENRY FONDA e GEORGE BRENT.

«UM SONHO REAL» (Paramount)
— As melodias de VICTOR HERBERT, a quem o filme presta homenagem.
— A qualidade da encenação de ANDREW L. STONE, em todos os aspectos.
— As decorações de HANS DREIER e a fotografia de VICTOR MILNER.

«UM SONHO REAL»

(The Great Victor Herbert)

Êste filme é uma espécie de homenagem a Victor Herbert, o Franz Lehar americano; Herbert, que faleceu não há muitos anos, compôs e encenou dúzias de operetas, algumas das quais, como «A Princesa Endiabrada» *(Naughty Marietta)* e «Namorados», o cinema divulgou para além das fronteiras anglo-saxónias. Mas, ao contrário do que se fez em relação aos compositores Stephen Foster e Gus Edwards, cujas vidas vimos descritas há pouco em «Coração dum trovador» *(Swanee River)* e «O Criador de Estrêlas» *(The Star Maker)* — «Um sonho real» não pretende biografar Victor Herbert, talvez porque nem a sua carreira nem a sua vida íntima oferecessem suficiente matéria dramática. Preferiram assim, e bem, contar-nos a história de dois dos seus habituais intérpretes e, diga-se desde já, fizeram-no com boa inspiração: o enrêdo é bem urdido, e foi muito bem achada a solução da crise final. Herbert atravessa assim todo o filme como uma personagem secundária na intriga; mas na realidade é êle a figura principal, o verdadeiro protagonista.

Devo dizer que me surpreendeu a excelente qualidade da encenação do filme. Trata-se de uma magnífica produção, debaixo de todos os aspectos. O argumento foi trabalhado com acêrto, devendo registar-se a habilidade com que foram intercaladas na acção inúmeras melodias de Victor Herbert. As decorações, em que colaborou o competentíssimo Hans Dreier, são felicíssimas, especialmente as de alguns números teatrais. Notáveis também a direcção musical de Paul Boutelje e a fotografia de Victor Milner. Produziu e dirigiu o filme Andrew L. Stone, que também colaborou na planificação do argumento. Só há que elogiar o seu trabalho, merecendo referência especial o grande *travelling* do passeio em bicicleta — um dos mais compridos que tenho visto.

Walter Connolly interpreta a figura do protagonista — admiràvelmente, como tudo o que fazia êsse esplêndido e malogrado actor. Allan Jones tem bastas oportunidades para fazer valer a sua bela voz. Mary Martin parece revelar influência do teatro, onde normalmente deve trabalhar; satisfaz no entanto por completo. Noutros papéis Judith Barrett, Lee Bowman, Suzane Foster e Jerome Cowan.—D. M.

«CURVAS PERIGOSAS»

(Two girls on Broadway)

Êste filme, cuja apresentação houve necessidade de antecipar em algumas semanas, oferece vários motivos de interêsse, o primeiro dos quais é, indiscutivelmente, a revelação de Lana Turner — embora não fôsse esta a primeira vez que apareceu nas telas portuguesas. Lana Turner é na realidade um caso de sensação, pela gentileza e formosura da mulher, e pelas faculdades que a artista demonstra. Faculdades que já são mais do que promessas, e que se adivinha poderem desenvolver-se e florir radiosamente — o que aliás já aconteceu de-certo visto ter sido escolhida para papéis de responsabilidade em duas recentes produções de categoria: *Ziegfeld Girl* e *O médico e o Monstro*. Pertence êste filme à segunda fase da sua aprendizagem (à primeira correspondem as rábulas interpretadas nas séries «Hardy» e «Kildare»); não admira por isso que se note ainda no seu jôgo cénico certa insegurança — já compensada largamente por um «activo» considerável. As disposições que revela como bailarina, acompanhando assás brilhantemente o belo dançarino que é George Murphy, foram uma excelente surpresa. São aliás muito agradáveis as marcações dos dois bailados, em particular as do primeiro (segundo do par) — marcações essas devidas aos especialistas Bob Connolly e Eddie Larkin. Há que registar também a boa qualidade da música e das canções, o que não admira pois entre os seus numerosos autores contam-se Nacio Herbert Brown, Arthur Freed e Harry Revel.

O filme, que foi correctamente

(Continua na pág. 18)

Títulos Ilustrados



«Por sua dama»

CINEMA DE AMADORES

O que se dá a quem pede . . .

Há quem nem sempre, esteja contente com a sorte que tem.

Por vezes, é razoável o desejo de se ter mais do que se possue.

Mas quando êsse desejo vai além do natural acaba por ser uma impertinência. E as impertinências nem sempre se podem admitir.

Quando se ocupa um cargo que alguém permitiu que se desempenhasse deve-se ter a preocupação de o manter com dignidade. Deve-se advertir, que as ambições pessoais são geralmente quebradiças perante uma organização conscienciosa.

Quando meia dúzia de pessoas actuando como representantes de centenas de outras, constituem uma organização e convidam ao trabalho mais algumas, estas deverão ter a consciência do que vão fazer, sem a preocupação de fazerem mais do que se lhe destina.

Não se deve esquecer que quando se lutou durante anos, por uma ideia e se conseguiu realizá-la mais tarde, não se está de braços cruzados meditando no êxito alcançado.

É justamente, na ocasião em que se pôde tornar real o que antes não passava de um sonho, que mais se trabalha e consolida a posição alcançada. Não é fácil destrui-la. Há uma engrenagem muito forte que garante a sua existência. É a consciência de todos os que pediram que alguma coisa se désse. Como se está a dar o que se pediu não se deve exigir, por agora, mais do que se desejou.

Neste momento, em que se procura dignificar uma cinematografia em que poucos acreditam, mas que tem muitos praticantes, não deve haver a preocupação de se querer ver realizadas aspirações que não são possiveis.

Quem se esforçou por conseguir que houvesse o que já há, não desiste de prosseguir na luta e confirma o que por várias vezes tem dito e que é isto simplesmente: É INDISPENSAVEL A UNIÃO PARA QUE HAJA FÔRÇA.

JOÃO MENDES

O primeiro concurso de filmes de formato reduzido, organizado pelo «CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES»

Depois da sessão de propaganda, realizada no Pôrto, a direcção do C. P. C. A. resolveu, na sua última reünião, organizar um concurso de filmes de amadores.

Êste concurso deveras interessante e original no nosso país, obriga o concorrente a seguir as indicações insertas numa planificação. Pode-se, depois de seleccionados os filmes, observar as variadas maneiras como os autores interpretaram a planificação que se lhe apresentou.

Publicamos em seguida o regulamento dêste primeiro concurso:

I Concurso, a preto e branco, sujeito a planificação, organizado pelo C. P. C. A.

REGULAMENTO

1.° — A êste Concurso só poderão concorrer os filiados no C. P. C. A.

2.° — Os filmes serão rigorosamente feitos segundo a planificação estabelecida e intitulada «MERCADO DE JUNHO», junta a êste regulamento.

3.° — São sòmente admitidos os formatos de filme 16 mm., 9,5 mm. e 8mm., com um total máximo de metragem igual a 30 m. para os dois primeiros e de 15 m. para o último, legendas excluídas.

4.° — São apenas permitidas quatro legendas: título, sub-título, autor e final. A sua metragem deve ser a precisa para permitir uma correcta leitura.

5.° — Tôda a espécie de encadeados, cortinas ou caches, são de admitir, desde que venham a propósito e não alterem a metragem total indicada no § 3.°.

6.° — A escolha dos ângulos e da iluminação fica naturalmente ao livre arbítrio dos Concorrentes.

7.° — Cada sócio do C. P. C. A. não poderá enviar mais de uma produção.

a) As Colectividades, sócias do C. P. C. A., poderão realizar um filme, MERCADO DE JUNHO, com a colaboração geral ou parcial dos seus componentes, ou proceder à escolha da que entendam como melhor, no caso dos seus componentes terem separadamente ou conjuntamente ralizado várias produções. O Filme a enviar terá, neste caso, como legenda indicativa do autor, em 1.° lugar o nome da Colectividade, podendo entretanto, mas neste mesmo título, indicar o nome ou nomes dos que nele trabalharam.

8.° — Todos os filmes, assim como o «boletim de concorrente» devidamente preenchido, serão entregues por mão própria ou pelo Correio, como encomenda registada, na sede do C. P. C. A. Largo do Chiado, 12, 2.°, Lisboa, o mais tardar até às 19 horas do dia 25 de Julho de 1941.

9.° — Não há qualquer inscrição a pagar.

10.° — Na caixa e na bobine do filme, será indicado, e por forma bem legível e fixa, o Título e o nome do Autor.

11.° — Um Júri nomeado pela Direcção do C. P. C. A. procederá à classificação, sendo de atender e considerar para a mesma:

A compreensão e criação do ambiente da planificação; a imaginação; o gôsto; a seqüência; o andamento; a unidade de tom e de foco; a qualidade da fotografia; o trabalho de laboratório; a apresentação.

12.° — São instituídos como galardões: 1 Taça para o 1.° classificado, oferta da direcção da S. P. P.; Plaquetes de prata e pau santo, oferta da direcção do G. P. F., para o 2.° e 3.° classificados; Diplomas Artísticos, oferta da revista «Objectiva», para todos os concorrentes.

13.° — O facto de se enviar qualquer trabalho a êste concurso, implica a aceitação do presente Regulamento e bem assim a decisão do Júri.

14.° — Qualquer caso não previsto neste Regulamento, será resolvido pela Direcção do C. P. C. A., qual terá o maior cuidado com tôdas as produções recebidas embora não possa aceitar qualquer responsabilidade por motivo de perda ou dano, a que estão sujeitas, por efeitos de transporte ou exibição.

Como se vê, o Clube Português de Cinema de Amadores nada promete mas vai realizando todos os desejos dos amadores potugueses.

Os amadores que desejem concorrer a êste concurso devem pedir directamente para a sede do C. P. C. A., Largo do Chiado, 12-2.° em Lisboa, a planificação e o boletim de concorrente para preencherem.

Devem, pois, todos os amadores de Portugal increverem-se como sócios do C. P. C. A., cuja direcção compreendendo inteligentemente a sua missão, está dando a todos os sócios a possibilidade de se revelarem como bons amadores.

Esperamos que todos saibam entender êstes trabalhos e os secundem com entusiasmo.

ACTIVIDADE

★ Lopes Fernandes está dirigindo para a ADA Filmes uma produção intitulada *Suicida* e que tem como protagonista Augusto Romariz.

Participam nesta produção todos os associados da interessante agremiação de amadores nortenhos.

★ Recomeçam brevemente as filmagens do documentário artístico *Vida Rústica*. A montagem dêste filme, que já se encontra bastante adiantada é dirigida por Eduardo Zarco que foi também o realizador.

A fotografia assim como a produção é do amador Eduardo Marques.

★ O eng. Carneiro Mendes, autor de vários filmes de formato de 16 m/m e entre êles os culturais «A vida dos insectos» e «Cresta (Colheita do Mel» êste último a côres, está realizando na Escola Politécnica um documentário sôbre os trabalhos de embalsamamento de animais, tendo impressionado já, cêrca de 180 metros de película.

★ Utilizando filme Agfacolor, o eng. Frederico Oom tem quási pronto uma película a côres cujos intérpretes são duas rosas de côres diferentes.

★ Alguns amadores de Lisboa estão estudando a possibilidade de se agruparem constituindo uma sociedade produtora de filmes de amadores adoptando a designação de Sociedade Artística de Filmes de Amadores (S. A. F. A.), que se filiará no C. P. C. A.

★ O amador portuense Manuel João Barros realizou com a assistência de seu irmão, João Manuel Barros, um filme sôbre a queima das Fitas em Coímbra.

★ Prosseguem as filmagens da produção da Condor Cine Clube «Sonho de uma tarde» de que já demos notícia no último número.



ROBERT YOUNG

Um galã muito do agrado das nossas plateias e que veremos, ainda esta época, no curioso filme «Milagres à venda», da M-G-M

O Correio de "Bel Tenebroso"

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

762-A — BENJAMINA *(Lisboa)* — Supõe tu, por exemplo, o John Bolas e a Virginia Bruce... *A Loja da Esquina* é um mimo. Disse-me o Lubitsch que foi feito em honra do *Correio de Bel Tenebroso*. Quantos James Stewarts e quantas Margaretts Sullavans, andarão nestas páginas sob os pseudónimos de *Reis* disto ou de *Princesas* daquilo?!... — *Benjamina*, hoje estou demasiado filósofo. Até à próxima.

763 — O FANTASMA DA MEIA NOITE — *(Lisboa)*. — Obrigado pelas boas palavras que dedicas a *Animatógrafo*. — Escreve ao Bobs Watson para Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia. — De Wallace Beery, veremos esta época ainda, no Eden, *20 Mule Team* (O Tiro das 20 mulas). — Êste leitor gostaria de corresponder-se com leitoras da nossa revista e oferece à primeira que lhe escrever uma foto de Frederic March.

764 — CHARLIE CHASE *(Tôrres Novas)*. — Alterei o teu pseudónimo de *Charlei Chace*, para o que encima estas linhas, convencido de que grafaste mal o nome do malogrado cómico do bigodinho, que quiseste adoptar para proteger o teu anonimato. — Também nós gostaríamos que todos os números de *Animatógrafo* fôssem no género do número do Natal. Não desanimem vocês que nós também não desanimamos em que num futuro próximo êsse sonho se possa realizar. — Êste leitor saúda *Rapaz de Alpiarça* e *Uma Garota sem Importância*.

765 — MARY-LOO — *(Pôrto)*. — Esta simpática leitora, que não é chinesa nem japonesa como o pseudónimo pode fazer supor, gostaria de trocar correspondência com leitores do Pôrto. Aguardo que estes me digam o que se lhes oferecer sôbre o assunto.

766 — ADORO DEANNA DURBIN *(Lisboa)*. — Ignoro «o que é feito de «*O Homem do Ribatejo*». Mas estará «feito» qualquer coisa?

767 — ESTUDANTE DE OXFORD *(Cartaxo)*. — De Kay Francis, deram-nos o Odéon e o Palácio um filme recente, *Data Memorável*. Muito embora, ela não seja protagonista tem uma bela criação no papel da Mãe da Deanna. Pela minha parte, deixa-me dizer-te, o papel é fácil. Se eu tivesse que viver na tela o papel de Pai dela, tenho a certeza de que ninguém me excederia em ternura. Seria um papá carinhoso, sempre a dar beijos na sua filhinha... — Charles Boyer e Frederic March são dois belos artistas. Que necessidade há de estabelecer confrontos. — Idem, idem, no que diz respeito a Frank Capra e a King Vidor, dois dos maiores cineastas do cinema americano.

768 — MÉDICO-CINÉFILO *(Pôrto)*. — Muito prazer em conhecer-te. Registo com o mais vivo prazer que fôste meu leitor desde o 1.º número do *Cine-Jornal* e que és igualmente um entusiasta pela nossa revista, desde o número 1 — *Pinocchio* é, incontestàvelmente, muito superior a *Branca de Neve* sob o ponto de vista técnico. E êste «sob o ponto de vista técnico» refere-se à técnica do desenho das figuras, à concepção que presidiu à sua feitura, à aparente «mobilidade» da câmara, etc. Há cenas que parecem sair dos domínios do irreal, como aquele rapto do boneco, quando na noite chuvosa, cortada de relâmpagos e trovões, Stromboli o leva na sinistra traquitana, enquanto Geppetto chora a sua desdita. — A exclusão de certos filmes na candidatura à *Taça do Animatógrafo* foi justificada oportunamente. — A «direcção artística» tem, de facto, o significado que lhe atribuiste. — Espero, interessado, novas cartas tuas.

769 — EVERARD SIMÕES *(Aveiro)*. — Sôbre o assunto do cinema de amadores, escreve directamente ao nosso colega João Mendes, que gostosamente te responderá. — Registo com prazer o agrado que te causou *Feitiço do Império*, tanto mais digno de considerar quanto é certo que conheces a África, «revelada, no filme, tal qual é».

770 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE *(Lisboa)*. — Recebi o postal que me escreveste de Lisboa, onde te trouxe o serviço militar. Obrigado pelas tuas saüdações! Ainda que me procurasses, não poderias chegar à fala comigo, porque como sabes, sou invisível, diáfano, imaterial e transparente...

771 — ADOLFO MENJOU *(Évora)*. — A Espanha e a Argentina têm a sua indústria cinematográfica mais desenvolvida do que a nossa. O Brasil, não! — Warner Oland morreu duma afecção renal. — Boris Karloff nasceu em Enfield (Londres), a 23 de Novembro de 1887. Chama-se, na vida real, Charles Edward Pratt.

772 — ADORO MADELEINE CARROL *(Lisboa)*. — A tua carta foi oportunamente entregue a Maria da Graça. Só agora; porém, ela está a responder às cartas recebidas desde o advento do *Animatógrafo*. — Não me parece fácil, salvo se lhes escreveres directamente, obteres as fotos das artistas argentinas, que te interessam. — Frank Morgan tem em *O Grande Ziegfeld*, *A Loja da Esquina*, *Rosalie*, *Balalaika* e *Idílio Musical*, excelentes criações. — Êste leitor gostaria muio de se corresponder com *Boneca Volúvel*, *Miss Século XX* e *Maria Madalena*, — A carta que escreveste a Madeleine Carroll pareceu-me bem. Se tu soubesses que linda ela é! Tem os olhos mais azues que vi até hoje!

773 — MARCO POLO *(Lisboa)*. — Registo a tua declaração de que entre 1 de Outubro de 1939 e 30 de Junho de 40 viste 280 filmes! Não me resta dúvida de que deves ser o detentor do «récord» de permanência nas nossas salas. — Mota da Costa tomará conhecimento, com o maior prazer, das tuas opiniões e sugestões em refôrço do artigo que êle escreveu: «O cinema português não deve ser uma fogueira de estrêlas». Podes escrever-lhe, directamente, para a Redacção do *Animatógrafo*.

774 — UM LOUCO POR NORMA SHEARER *(Lisboa)*. — Sou incapaz de «arquivar» uma carta no cêsto dos papéis... Tôdas as cartas que recebo merecem resposta. — Prefiro não fazer comparações entre *Pôrto de Abrigo* e *Pão Nosso*. São dois filmes com algumas coisas boas e muitas más, que é melhor não recordar. — *Rebecca* fica, fora de dúvida, como um dos filmes mais notáveis exibido no decurso da presente temporada. — Êste leitor gostaria de trocar correspondência com *Grande Amorosa*.

775 — O ESTRANHO *(Lisboa)*. — Podes escrever a Maria da Graça, por intermédio do *Animatógrafo*.

776 — CHARLES GRAND *(Évora)*. — Dorothy Lamour é, ou foi casada (em Hollywood, o presente raras vezes coincide com o futuro, em matéria sentimental...). — Os filmes de Greta Garbo são muitos. Pretendes saber os nomes de todos, ou apenas dos melhores? E neste caso, sob o aspecto geral ou sob o ponto de vista da sua interpretação?

777 — SOFRES POR MIM? *(Alpiarça)*. — Devo declarar-te em primeiro lugar, que não sofro por ti. Isto, para aquietar a impaciência e a curiosidade que o teu pseudónimo traduz.

778 — NINON *(Pôrto)*. — Sempre que leio uma carta tua, sinto-me Kiepura e tenho ganas de cantar: «Ninon, quand tu m'ecrit...» — *A Verdadeira Glória* é um bom filme. Mas é possível que te tenha causado uma impressão mais duradoura, pelo facto de te ter falado à alma! — Não consigo achar gracinha nenhuma ao Ray Milland. No entanto, reconheço que êle está, de facto, a subir. Invejo-o só pelo facto de êle ter sido parceiro da famosíssima Lamour. — Esta simpática leitora saúda *Conde Axel de Fersen*, *Gosto de Beijos* e *Rey sem trono* e lamenta não poder corresponder-se com êle. Agradece e retribui os cumprimentos de *Serip*, *Bob Taylor*, *Deram-lhe uma Espingarda*, e dirige as suas melhores saudações para *Princesa da Selva*, *Mab Illa*, *Faranecas Ld.ª* e *Luiz XV*.

779 — UMA PORTUGUESA QUE NÃO É TROCISTA — A tua lindíssima amiga Maria do Céu diz-me que estás muito zangada com a demora da minha resposta. Não desanimes, continua a escrever e as respostas aparecerão a seu tempo.

780 — REI DA SELVA *(Penafiel)*. — Podes escrever em Português a tôdas as vedetas americanas. Qualquer Banco te indicará a melhor maneira de enviares a importância do custo das respectivas fotos.

781 — REY... SEM TRONO *(Lisboa)*. — Ignorava que a Jessie Mathews tivesse uma sósia em Lisboa. Mas se tu dizes, não duvido. Eu estou naquela fase de acreditar em tudo, menos nas notícias da guerra... — Entre *Punição* e *Crime e Castigo*, duas versões do romance do mesmo nome, prefiro a segunda, que, aliás, foi a que vimos em primeiro lugar. — Êste leitor saúda *Primavera*, *Princesa Yolanda*, *Princesa da Selva* e, «em especial» (é *Rey... sem Trono* que o diz!) *Uma Boneca Volúvel*, a nossa constante leitora do Funchal.

782 — LISBOETA NA... *(palavra inintelígivel)* — Não consegui perceber a terceira palavra do teu pseudónimo. — Podes escrever a Tereza Casal e a Maria da Graca, por intermédio do *Animatógrafo*. Tanto uma como outra, mandam retratos.

783 — UMA GAROTA SEM IMPORTÂNCIA *(Lisboa)*. — Está plenamente justificado o teu longo silêncio. Justificado e perdoadíssimo. Gosto muito de ler cartas tuas, mas acredito que sempre que souber que o motivo delas não aparecerem é a tua felicidade, estimarei sonhar-te ausente desta Secção. — Pelo que me dizes, tens visto bons filmes: *O 1.º Amor de Gata Borralheira*, *Verdadeira Glória* e *Sinfonia dos Trópicos*. — A Carmen Miranda será feia. Não contesto. Mas tem personalidade e talento.

A FEIRA DAS FITAS

(Continuação da pág. 15)

dirigido por S. Silvan Simon, baseia-se num argumento sem interêsse de maior, devido ao realizador Edmund Goulding.

George Murphy e Joan Blondel intervêem muito bem no desempenho, o primeiro a dançar e a representar, e a segunda num papel diferente dos que costuma fazer. Tê-lo aceito representa consciência profissional digna de registo.

O programa é completado por três complementos excelentes, como de resto é hábito da M. G. M. e da sala que o exibe. — D. M.

«ANDA TUDO DOIDO»

(Road Show)

Hal Roach parece ter gasto todo o seu esmêro de produtor na realização de «As Mãos e a Morte». Esta sua farsa, tal como «A Dança dos Sexos», mas talvez por forma mais acentuada, não chega a atingir a categoria de «Doidos à sôlta» *(The Housekeeper's Daughter)*, que vimos na última temporada. Isso acontece apenas pelos escassos, medíocres recursos postos ao serviço da realização, visto que o argumento, da autoria de Eric Hatch, especialista em histórias destrambelhadas, e trabalhado entre outros por Harry Langdon, — oferecia certas possibilidades. Algumas situações são indiscutìvelmente bem achadas, como a do hospital de doidos, ou a do milionário bombeiro. A interpretação reúne um núcleo importante de bons artistas, o que contribui para que em muitos momentos o desejado efeito hilariante seja plenamente conseguido. Adolphe Menjou merece ser citado à cabeça. Verdade seja que a sua personagem é a que revela maior fantasia — incompletamente explorada aliás. Os outros intérpretes são Carole Landis, John Hubbard, e os excelentes Charles Butterworth e Patsy Kelly.

Consta do programa um interessante documentário sôbre a complicada fabricação dos hélices de avião. Pena é que o locutor sofra de «solavancos verbais», se assim se pode dizer. — D. M.

«JEZEBEL, A INSUBMISSA»

(Jezebel)

«Jezebel» é sem dúvida um dos maiores filmes desta temporada. Dirigido por William Wyler — o homem a quem se devem «Veneno Europeu», «As Ruas de Nova-York», «O Monte dos Vendavais» — «Jezebel» tem a mesma categoria excepcional que distingue as suas obras anteriores. Wyler pertence à fina flor dos realizadores de Hollywood, à pleiada n.º 1, formada pelos John Ford, pelos Frank Capra, pelos George Cukor, por poucos mais. Tudo o que sai das suas mãos tem uma «classe» rara. Wyler consegue dirigir os seus artistas, compor os seus quadros, orientar a câmara do seu operador por forma tal que obtém com a maior facilidade os efeitos mais difíceis e com a maior naturalidade a mais impressionante e esmagadora «densidade dramática». Os seus dons extraordinários de encenador cinematográfico permitem-lhe tratar com o melhor êxito temas em que outros de menor envergadura falhariam completamente.

Poucos realizadores poderiam como êle fazer respeitar a infelicidade conjugal de Sam Dodsworth e fazer sentir a dignidade e a bondade dêsse construtor de automóveis mal-casado; poucos saberiam encontrar, como êle soube, o tom justo, o transcendente equilíbrio em que devia ser contada ao vasto e vário público dos filmes a tragédia alucinante que a pobre e genial Emily Brontë imaginou; poucos seriam capazes, como êle foi, de nos mostrar a sombria e fatal heroína desta história, que a sua parenta mais chegada e mais amiga compara a Jezebel, « a rapariga amaldiçoada por Deus».

Wyler desvenda o seu egoísmo a sua alma de aço, insensível e fria, conta-nos as suas malfeitorias com tamanho tacto que consegue nunca amesquinhar a figura e, por conseqüência, fazer aceitar a sua redenção e até revelar quanto é mais digna de piedade do que de antipatia.

Há momentos no filme verdadeiramente magníficos, como tôda a seqüência do baile ou como as cenas que descrevem o regresso de Pres com a mulher.

Wyler teve em Robert Haas, o decorador, em Ernest Haller, o operador, e em Max Steiner, o autor do acompanhamento musical, os seus melhores colaboradores, pois todos êles produziram trabalho invulgar, especialmente o primeiro; as suas decorações são verdadeiramente admiráveis, pela harmonia e rasgo das linhas gerais e pela composição dos pormenores.

Wyler teve também auxiliares preciosos nos seus intérpretes. Bette Davis justificou em absoluto o prémio que a Academia Americana lhe conferiu pela segunda vez. A sua criação da figura singular dessa semeadora de catástrofes — espécie de Heathcliff de saias — é absolutamente maravilhosa, pela convicção com que a vive, pela subtileza e sobriedade com que a pormenoriza, pela segurança de tôdas as suas atitudes. Espantosa actriz!

Henry Fonda magnífico como sempre que lhe dão um papel à sua medida. George Brent excelente, numa personagem que lhe assenta tão bem como a sobrecasaca que despe para morrer como um verdadeiro *Gentleman of the South*. Todos os outros tão bem quanto seria para desejar — o que não admira visto tratar-se de Fay Bainter, Margaret Lindsay, Donald Crisp, Spring Byington, Richard Cromwell, e outros tão bons como estes. — D. M.

«A VOLTA DO HOMEM INVISÍVEL»

(The invisible man return)

Estes filmes de trucagem têm sempre uma posição especial dentro das produções que todos os dias vemos. Vivem dos seus truques, da maneira mais ou menos habilidosa com que são resolvidos. Vivem do pitoresco. É o caso presente em que o interêsse do filme deriva mais da singularidade dos truques de filmagem do que pròpriamente do enrêdo desenvolvido por H. G. Welles, e que, afinal de contas, não passava de uma anedota bem desenvolvida e bem narrada.

A continuação da aventura do «homem invisível» encerra as mesmas surprêsas que o primeiro filme que nos foi dado ver. É uma reedição da velha história do condenado que saindo da prisão desvenda o crime pelo qual fôra acusado injustamente, desmascarando o verdadeiro criminoso.

A interpretação não é má. Pelo contrário, o «cast» dêste filme nada fica a dever ao primeiro. Sir Cedric Hardwicke, o grande actor inglês que ainda há pouco vimos num notável filme no Tivoli, faz o cínico; e Nan Grey e Vincent Price — êste como novo «invisible man» — fazem o par amoroso. — F.

O CORREIO DE «BEL TENEBROSO»

(Continua da pág. anterior)

às carradas. — Continuas então convencida de que sabes quem eu sou?! A tua agência detectivesca tem graça. E daí, quem sabe?! Talvez tenhas acertado. — *Uma garota sem importância (nunca vi pseudónimo mais mentiroso!...)* retribui e agradece as saudações de *Bel, o pirata* e lamenta não poder corresponder-se com *43 A*, visto estar proibida, pelos médicos, de o fazer...

784. — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*. — Obrigado pelas letras de canções que tiveste a gentileza de me remeter. — As tuas cartas dão-me sempre o maior prazer. Podes, pois, escrever sem a preocupação de que me maças... — Também considero *O 1.º Amor de Gata Borralheira* no número dos melhores filmes da insinuante artista. — Retribuo afectuosamente as saudações de *Pinocchia* e *Dinhamá*.

Bel-Tenebroso

PANORÂMICA

(Continuação da pág. 5)

e que foram completadas depois pelo operador português Manuel Luiz Vieira.

Lazlo Schäffer foi o operador de Walter Ruttmann no célebre ensaio visual mudo «A Sinfonia duma Capital», o que basta para definir a sua competência.

O Concurso do Pôrto

Ainda êste verão promoverá «Animatógrafo», de acôrdo com o prometido, um concurso especialmente reservado aos nossos leitores do Pôrto.

Unicamente a nossa vontade de reünir o maior número de prémios, e de fazer com que êsses prémios sejam valiosos e interessantes, nos tem impedido de lançarmos êsse concurso nas nossas páginas.

Mas hão-de ver que se tarda — para mais se arrecadar...

«Acção» e o Intervalo

O semanário «Acção» dá-nos, num eco, o seu apoio à idéia de suprimir o intervalo a meio dos filmes. «Acção» vai mesmo mais longe, e aconselha a supressão de todos os intervalos, com o que não concordamos. A sanha cá da casa vai só contra o corte brusco, inútil e prejudicial de obras que foram feitas para serem vistas a seguir. Se as emprêsas, contanto que evitassem o *tal*, decidissem pôr ainda mais intervalos, dar-nos-íamos por satisfeitos.

Nem tanto ao mar...

Louis Jouvet

Louis Jouvet encontra-se em Lisboa com Madeleine Ozeray e mais vinte e seis artistas, a fim de embarcar para a América do Sul.

Vamos ouvi-lo hoje, ao notável interprete e encenador, no palco do Nacional, onde às 21 e 45 realiza uma conferência subordinada ao título «Três espíritos do Teatro».

No próximo número publicaremos desenvolvida reportagem sôbre o notável artista de «O Fim do Dia».

Aquilino Mendes

Encontra-se entre nós, recém-chegado do Rio de Janeiro, o operador cinematográfico Aquilino Mendes, a quem se deve a fotografia de «Canção da Terra», «João Ratão» e «Aldeia da Roupa Branca» e que no Brasil filmou «Pureza», comédia de Chianca de Garcia.

Ao chegar à pátria, Aquilino Mendes mostrou-se tão confiante como nós no futuro da produção portuguesa feita em Portugal. É, em suma, mais um elemento com que se poderá contar pelo triunfo da causa do Cinema Nacional.



a

LISBOA FILME

apresenta esta noite no

CINEARTE

o documentário

A ALEMANHA EM GUERRA

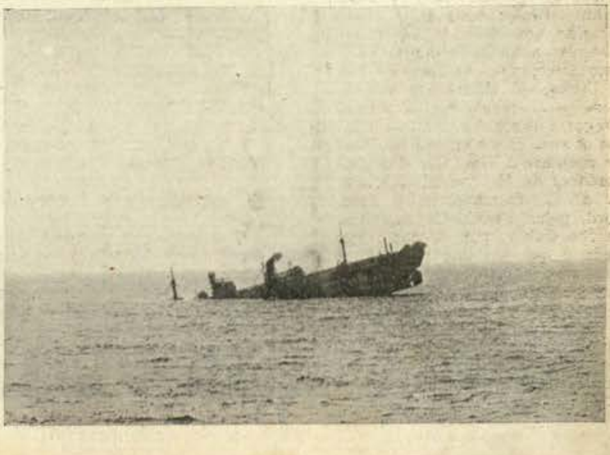
«A ALEMANHA EM GUERRA» não é, apenas, um documentário de grande metragem, e de flagrante oportunidade. É um documento vivo da preparação militar e social dum grande povo. Pela primeira vez no cinema o público vai ver, com os seus próprios olhos, o que era a Alemanha antes da actual guerra. Como viviam os seus habitantes — homens e mulheres — como se preparavam para tôdas as eventualidades.

Entre os verdadeiros «clous» podemos citar A MAIOR PARADA MILITAR ATÉ HOJE REALIZADA; O ARSENAL DE MUNIÇÕES; O FABRICO DE AEROPLANOS; AS FÁBRICAS DE MATERIAL, em pleno trabalho; PEÇAS ANTI-AEREAS; CARROS DE ASSALTO, uma das maiores fôrças da Alemanha de hoje, etc.

Nem só inventos e material bélicos vemos neste grande documentário que o Cinearte estreia esta noite. Conhecem-se também outros pormenores de ordem interna, como por exemplo, a forma de resolver, nos emprêgos, a falta de homens chamados às fileiras militares. Foram as mulheres que os substituiram.

«A ALEMANHA EM GUERRA», é o grande documentário da hora presente. As fotografias que ilustram esta página contribuem para o leitor ajuizar do interêsse que êste filme invulgar desperta.





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



«Animatógrafo» oferece aos seus leitores êste lindo sorriso da formosa LINDA DARNNEL, a actriz que o leitor certamente admirou em «Os Filhos de Deus»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: ROBERT YOUNG